

A street scene in Ouro Preto, Minas Gerais, showing traditional colonial-style buildings with colorful facades and balconies. The buildings are multi-storied, with white walls and vibrant blue and yellow accents on the windows and doors. The architecture features arched windows and balconies with metal railings. The street is paved with cobblestones, and the sky is a clear, bright blue.

Adriana Altíssimo França

O LÉXICO DA COMUNIDADE DE OURO PRETO/MG:  
DA (IM) POSSIBILIDADE DE REFLEXOS  
DO CONTATO LINGUÍSTICO

Belo Horizonte  
2008

Adriana Altíssimo França

**O LÉXICO DA COMUNIDADE DE OURO PRETO – MG:  
DA (IM) POSSIBILIDADE DE REFLEXOS DO CONTATO LINGÜÍSTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de Concentração: Lingüística  
Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Lingüística  
Orientadora: Profa. Dra. Eunice Nicolau

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2008

A Eunice Nicolau.  
A meus pais e irmãs.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por se fazer presente em todos os momentos da minha vida;

Aos meus pais, verdadeiros aliados e torcedores incansáveis pelo meu sucesso;

Às minhas irmãs, Andrea e Alessandra, pelo amor, companheirismo e carinho;

À professora Dra. Eunice Nicolau, pelo conhecimento compartilhado e pela imensa paciência com que conduziu este trabalho. Ainda, por ter acreditado em mim em tantas ocasiões, quando eu mesma não mais acreditava;

À Soélis Mendes, pela ajuda significativa no processo de seleção do mestrado e pelas belas aulas ministradas na UFOP;

Às professoras Dra. Maria Cândida Seabra, Dra. Evelyne Dogliani, Dra. Maria do Carmo Viegas, Dra. Maria Antonieta Cohen e professor Dr. Fábio Bonfim, pelas contribuições profissionais e pessoais que obtive ao cursar suas disciplinas;

Aos informantes, peças fundamentais para a realização deste trabalho, e aos ex-alunos da Escola de Minas de Ouro Preto, pela atenção e boa vontade com que me cederam seu precioso tempo;

Aos meus familiares, especialmente a Geovany e Márcio Altíssimo, pela amizade;

Aos queridos amigos Gilmar Bueno, Leonardo Eustáquio, Lílian Teixeira, Elizete Souza, Candice Fernandez, Iara Lages, Joviano Rezende, Geralda Souza, Elaine Chaves; grandes companheiros desta caminhada;

Às Viradas pra Lua, queridas irmãs que a vida me deu;

A Flávio Faria, Beatriz Junqueira, Gisele Adriana, Élide Silpe, José Evangelista, Liliane Braga, Jane Monteiro; queridos amigos que sempre me apoiaram e estiveram ao meu lado;

A Wesley e Anderson Satyro, que me acolheram com carinho, em sua casa, durante o primeiro ano do mestrado;

A José Gonçalves Poddis, Solange Lúcia, Wantuil Alves, Juan Lima, Maria Aparecida Brum, colegas de trabalho e amigos, responsáveis por muitos momentos prazerosos e de aprendizagem;

Ao Luiz Otávio Machado e Graça Andreatta; esta, estudiosa incansável da admirável comunidade ouro-pretana; aquele, profundo conhecedor das questões estudantis não só de Ouro Preto. Agradeço-lhes pela boa vontade e prontidão com que me atenderam;

Ainda, um agradecimento especial à Lílian Teixeira, pela revisão da primeira versão deste trabalho e à Ângela, pelo carinho e pela revisão da bibliografia;

Ao Dr. Rômulo Arantes e Dra. Kate Lane, por me assistirem com tanto zelo e por serem também grandes incentivadores desta pesquisa. Ao Dr. Bernardo, pelo apoio e pelos momentos de descontração, essenciais na reta final deste trabalho;

Finalmente, a Alysson Batista, meu fiel escudeiro, por mais do que ele possa imaginar.

“O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”.

*(G. Rosa)*

## RESUMO

No presente trabalho, analisa-se a fala da comunidade de Ouro Preto/MG, com o objetivo de verificar se, na fala dos nascidos e/ou domiciliados nessa cidade (doravante, *Ouro-pretanos*), há interferência da fala de estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP); mais especificamente, verificar se os itens lexicais utilizados por esses estudantes (aqui referidos como *Universitários*) estão presentes, também, no léxico dos *Ouro-pretanos*. Parte-se da hipótese de que essa interferência existe, em virtude do contato estabelecido entre os dois grupos de falantes mencionados e que, desse contato, resulta uma variação, que pode estar apontando para mudanças lexicais. Em vista disso, analisa-se um corpus constituído de 223 dados, extraídos de 16 (dezesesseis) entrevistas, gravadas, realizadas com 8 (oito) *Ouro-pretanos* e 8 (oito) *Universitários*, nos moldes da Teoria da Variação. O levantamento dos dados orientou essa análise para duas direções: o inventário das formas “especiais” encontradas na fala dos *Universitários*, cujo uso foi relacionado ao curso, ao período e ao gênero desses falantes, foi analisado qualitativa e quantitativamente; os dados registrados na fala dos *Ouro-pretanos*, por se mostrarem em número reduzido (11 ocorrências), foram submetidos apenas a uma análise qualitativa. Os resultados obtidos através dessas análises apontam uma adoção não-significativa das formas “especiais” pelos *Ouro-pretanos*, do gênero masculino, que estabelecem um grau de contato intenso com os *Universitários*. Tais conclusões suscitaram hipóteses para a explicação da não-interferência da linguagem estudantil na fala do outro grupo, entre as quais, parece mais plausível a de uma possível hostilidade da população de Ouro Preto em relação aos estudantes da UFOP, não-reconhecidos por essa população como dela sendo integrantes. Os resultados revelam, portanto, que uma situação de contato nem sempre tem como conseqüência a configuração de casos de variação lingüística.

## ABSTRACT

In this work is analyzed the spoken language of the community from Ouro Preto – MG, and the objective is to verify if there are in the oral production of natives and/or domiciled in this city (now *Ouro-pretanos*) some interferences caused by students' language of Universidade Federal de Ouro Preto (now *University Students*). In specific, if the lexical items used by these students are presented in the lexicon of *Ouro-pretanos*. It is assumed the hypothesis that this interference is current owing to the contact established between the two groups, and by this contact results the variation that can indicate some lexical changes. The corpus of 223 data was extracted from 16-recorded interviews with 8 *Ouro-pretanos* and 8 *University Students* according to the principles of the Variation Theory. The results guide the analysis for two directions: an inventory about the special forms found in the *University Students*' spoken language, which the use of these forms was related to graduation course, period and gender by, qualitative and statistic analysis of the data; the data presented in the *Ouro-pretanos* spoken language were a reduced number (11 occurrences) and by this way they were analyzed only qualitatively. The obtained results from this analysis show a non-significant adoption of the "special" forms by the male gender *Ouro-pretanos* who establish some intense contact with the *University Students*. These conclusions regarded hypothesis that support the explanation for a non-interference from the *University Students* language in the other group, such as a possible hostility from the population of Ouro Preto related to the students of UFOP, do not considered by these population as their integrants. The results reveal that the situation of contact not always has as a consequence the configuration of cases of linguistic variation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Campo conceptual da palavra .....	28
Figura 2 - Triângulo de Baldinger I.....	29
Figura 3 - Triângulo de Baldinger II .....	29
Figura 4 - Localização da cidade de Ouro Preto em relação à capital do estado.....	42
Gráfico 1 - Ocorrência dos itens lexicais "especiais" mais usados.....	62
Gráfico 2 - Uso do item <i> fina</i> em relação ao curso do <i> universitário</i> .....	63
Gráfico 3 - Uso dos itens <i> agarrar/arrancar/borracha/rombudo</i> de acordo com o curso .....	64
Gráfico 4 - Uso dos itens lexicais de acordo com o curso do <i> universitário</i> .....	65
Gráfico 5 - Uso de itens lexicais em relação ao período cursado pelo <i> universitário</i> .....	68
Gráfico 6 - Uso de itens lexicais em relação ao gênero do <i> universitário</i> .....	69
Quadro 1 - Constituição da amostra utilizada .....	45
Quadro 2 - Grau atribuído ao contato estabelecido pelos <i> ouro-pretanos</i> .....	47
Quadro 3 - Distribuição dos itens lexicais "especiais" dos <i> universitários</i> .....	54
Quadro 4 - Formas "especiais" dos <i> universitários</i> e sinônimos na fala dos <i> ouro-pretanos</i> .....	73

## LISTA DE TABELAS

- 1 - Ocorrência dos itens lexicais "especiais" na fala dos *universitários* ..... 61
- 2 - Uso de *agarrar/arrancar/rombudo/borracha* em relação ao curso do *universitário*..... 64
- 3- Uso de itens lexicais "especiais" pelos *ouro-pretanos* do gênero masculino ..... 72

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....</b>	<b>14</b>
2.1 A MUDANÇA LINGÜÍSTICA .....	15
2.1.1 O CONTATO NA LINGÜÍSTICA HISTÓRICO-COMPARATIVA.....	16
2.1.2 O CONTATO NA PERSPECTIVA DA DIALETOLOGIA .....	17
2.1.3 O CONTATO NA VISÃO DO ESTRUTURALISMO E DA TEORIA GERATIVA.....	18
2.1.4 O CONTATO NA EXPLICAÇÃO DA MUDANÇA LINGÜÍSTICA.....	20
2.2 A MUDANÇA NOS COMPONENTES DA LÍNGUA.....	25
2.3 O LÉXICO.....	26
2.3.1 A ESTRUTURAÇÃO DO LÉXICO.....	27
2.3.2 Os NEOLOGISMOS.....	30
2.4 A MUDANÇA/EXPANSÃO DO LÉXICO PELO CONTATO LINGÜÍSTICO.....	38
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>40</b>
3.1 O UNIVERSO DA PESQUISA .....	41
3.2 OBJETIVOS E HIPÓTESES .....	44
3.3 A AMOSTRA.....	45
3.4 DA OBTENÇÃO DO CORPUS.....	47
3.5 DAS ENTREVISTAS COM EX-ALUNOS .....	48
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>50</b>
4.1 PRELIMINARES .....	51
4.2 DOS ITENS LEXICAIS "ESPECIAIS" DOS UNIVERSITÁRIOS .....	51
4.2.1 A DISTRIBUIÇÃO DOS ITENS LEXICAIS "ESPECIAIS" .....	54
4.2.2 ASPECTOS HISTÓRICOS E SEMÂNTICOS DE ALGUNS ITENS LEXICAIS "ESPECIAIS".....	56
4.2.3 TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS DOS UNIVERSITÁRIOS .....	60
4.3 DO LÉXICO DOS OURO-PRETANOS .....	71
4.4 SOBRE O LÉXICO DOS GRUPOS EM FACE DO CONTATO .....	75
<b>5 CONCLUSÕES.....</b>	<b>80</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>84</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>88</b>

**CAPÍTULO 1**  
**INTRODUÇÃO**

O presente trabalho estuda o léxico na fala dos moradores da cidade de Ouro Preto/MG, com o objetivo principal de verificar se o contato estabelecido entre esses moradores (*Ouro-pretanos*) e os estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto (*Universitários*) tem levado os primeiros a adotarem itens próprios da fala desses últimos. Os itens lexicais utilizados pelos *Universitários* são, abaixo, exemplificados:

(a)...é... *me chamou de **camofa**... disse que eu não prestava...*

(b)...*depois de ser **escolhido**, ele **catou** a república, sei lá... deu a louca nele*

(c)...*tem gente que **ferra** muito, eu não **ferro** muito, cê sabe... esse negócio de **ferração** não é muito comigo não...*

Assumimos a hipótese de que os *Ouro-pretanos* adotam os itens lexicais “especiais” dos *Universitários*, e que tal adoção aponta para uma concorrência de variantes lexicais no vernáculo desses falantes. Tal hipótese se justifica diante de dois fatos:

1- O léxico é um sistema aberto e o componente da língua mais sujeito a mudanças, de acordo com autores como Biderman (2001), Alves (1994), Assumpção Júnior (1986);

2- O contato atua como uma das motivações para a ocorrência de variação e mudança lingüística, como é documentado por Weireinch, Labov e Herzog (1968) e Tarallo & Alkmin (1987).

Assim, no Capítulo 2, apresentamos o que dizem as teorias que tratam do contato e sua relação com o fenômeno da mudança lingüística, destacando postulados relativos:

(1<sup>o</sup>.) aos neologismos, fenômenos lingüísticos nos quais se reflete a expansão do léxico, buscando encaixar os itens lexicais “especiais” usados pelos *Universitários* nas classificações (neologismo formal e conceptual) postuladas por Biderman (2001);

(2<sup>o</sup>.) à relação da adoção dos neologismos com a ocorrência do contato entre grupos.

No Capítulo 3, explicitamos os procedimentos metodológicos adotados que, em virtude do resultado encontrado, por meio de uma análise preliminar, incluem, em parte, pressupostos fornecidos pela Teoria da Variação (mais exatamente, relativos à questão da obtenção dos dados de fala casual), com base na qual realizamos: oito entrevistas com *Universitários*, de ambos os gêneros, cursos e períodos diferentes, a fim de realizar um

inventário dos itens lexicais por eles utilizados; oito entrevistas com *Ouro-pretanos*, de ambos os gêneros e gerações distintas, buscando verificar se esses falantes usam os itens lexicais “especiais” usados pelos *Universitários* (a esses informantes foram associados graus de contato, intenso e esporádico, de acordo com sua proximidade/convivência com os *Universitários*). Além disso, realizamos oito entrevistas com ex-alunos da UFOP (também ex-moradores de repúblicas de estudantes em Ouro Preto), que contam entre 10 e 50 anos de formados, com o objetivo de:

A) verificar se os itens que figuram na fala desses ex-“republicanos” são os mesmos utilizados pela atual geração de *Universitários*;

B) verificar se essa fala inclui itens que não são mais usados, ou ainda são encontrados na fala atual, com significados diferentes;

C) investigar a possível origem dos itens lexicais (bem como a motivação para sua criação) usados pelos *Universitários* atualmente.

O Capítulo 4 apresenta uma análise qualitativa dos itens lexicais “especiais” dos *Universitários*, pontuando:

a) tipo de neologismo configurado;

b) classe gramatical;

c) significado;

d) processo de formação;

e) contexto de uso;

f) possível origem do item.

Em seguida, é apresentado, nesse capítulo, um tratamento quantitativo do uso dos itens lexicais “especiais”, encontrados na fala dos *Universitários*, considerando a idade, o gênero e o curso desses falantes; além disso, é apresentada uma análise qualitativa dos dados de fala dos *Ouro-pretanos*, através da qual se observou:

(i) quais itens “especiais” foram utilizados por esses falantes e em que contexto ocorrem;

(ii) a relação do uso desses itens “especiais” com o grau de contato do informante com os *Universitários*;

(iii) a relação do uso de itens “especiais” com a idade e o gênero do *Ouro-pretano*;

(iv) o uso, na fala dos *Ouro-pretanos*, de formas com significados correspondentes aos dos itens lexicais “especiais” dos *Universitários*.

Finalmente, no Capítulo 5, apresentamos as conclusões às quais chegamos após a realização das referidas análises e, após retomar nossa hipótese de trabalho, levantamos hipóteses de explicação para os resultados encontrados por esta pesquisa.

**CAPÍTULO 2**  
**PRESUPOSTOS TEÓRICOS**

## 2.1 A MUDANÇA LINGÜÍSTICA

Uma das principais características das línguas é o dinamismo, ou seja, o fato de permitirem que modificações aconteçam em sua estrutura. De acordo com Faraco (2005), a mudança ocorre em todas as línguas, isto é, todas elas estão sujeitas a transformações no correr do tempo, que se dão de forma constante e ininterrupta. Assim, em cada momento do tempo, as mudanças acontecem: o português atual, por exemplo, é diferente daquele falado no século XVIII e será distinto do português do futuro, pois, se uma sociedade muda, a língua que ela fala também mudará, embora paulatinamente, o que se torna imperceptível no nosso cotidiano. Para Mateus (2004), a mudança que se observa numa língua no decorrer do tempo tem paralelo na mudança dos conceitos de vida de uma sociedade, na mudança das artes, da filosofia e da ciência, inclusive na mudança da própria natureza. Dessa forma, não se deve dissociar a mudança, num determinado sistema lingüístico, dos agentes (históricos, sociais e culturais) externos a esse sistema. Entretanto, esse caminho nem sempre foi o tomado pelos estudiosos que procuraram explicar a mudança lingüística, então analisada à luz de diversos pressupostos, embora, conforme lembra Alkmim (2001), todos esses estudos (historicistas, neogramáticos, estruturalistas, dialetologistas, sociolingüísticos) concordem em pelo menos um ponto básico: com o passar do tempo, as línguas mudam, de modo que fatos (fonéticos, sintáticos, morfológicos, semânticos), presentes numa língua em certas épocas, podem não mais existir ou ser substituídos em épocas subseqüentes. E, segundo Faraco (2005), a tradição lingüística se dividiu em duas correntes teóricas: uma imanentista, que enxergava as causas da mudança como puramente internas; a outra, para a qual tanto os fatores internos, quanto os externos, são responsáveis por modificações na língua. Para esse autor, a Lingüística Histórica, numa primeira fase (iniciada em 1786, indo até o manifesto neogramático), destaca-se pela formulação do método histórico-comparativo e, apenas numa segunda fase, assume o contato lingüístico como fator relevante na explicação da mudança.

As diferentes abordagens, que tratam do contato lingüístico e sua relação com o fenômeno da mudança, são apresentadas nas subseções, a seguir, de modo a serem explicitadas aquelas nas quais se fundamenta esta nossa hipótese de trabalho: há possibilidade de mudança no léxico dos *Ouro-pretanos*, em virtude do contato estabelecido entre esses falantes e os *Universitários*.

### 2.1.1 O CONTATO NA LINGÜÍSTICA HISTÓRICA

O método histórico-comparativo (MHC) nasceu na Alemanha, em 1808, com a obra de Schlegel. Esse autor reforçou o estudo de William Jones, que já havia percebido um forte parentesco entre o sânscrito, o latim e o grego. Jones verificou não somente uma semelhança entre as raízes lexicais dessas línguas, mas também, uma conformidade nas suas estruturas gramaticais. A partir dessas conclusões, foi necessário um estudo mais aprofundado, que estabelecesse uma ascendência comum entre as línguas. Bopp (1816) levou esse trabalho adiante e concluiu que as semelhanças entre o sânscrito e as línguas latina, persa e germânica, não poderiam ser meras obras do acaso, ou seja, tais línguas possuíam algum parentesco e era possível, a partir delas, “inferir características da língua ascendente comum de um certo conjunto de línguas” (FARACO, 2005, p. 134).

O referido método foi consolidado anos após a publicação de Bopp que, ao fazer tais associações, preocupou-se apenas em estabelecer parentesco entre as línguas em recortes temporais aleatórios, sem levar em consideração a sucessão de estágios das línguas. As correspondências fonéticas entre o ramo germânico das línguas indo-européias foram estudadas por Grimm (1822), que utilizou dados distribuídos em quatorze séculos sequenciais, estabelecendo um percurso histórico das formas comparadas. A partir desse trabalho, consolida-se a Lingüística Histórico-Comparativa, e a pesquisa orientada para o estudo das subfamílias das línguas europeias intensificou-se, principalmente daquelas que se originavam do latim (feita pela lingüística românica), que conseguiu chegar à descrição de estágios mais remotos da língua latina, sem fazer uso de reconstruções hipotéticas.

Ainda de acordo com Faraco (2005), uma orientação mais naturalista é assumida nos estudos histórico-comparativos a partir da obra de Schleicher (metade do século XIX). Influenciado pela teoria evolucionista, esse autor considerava a língua como um organismo vivo, de existência independente de seus falantes e regida pelas mesmas leis que governam a natureza. Ao propor uma classificação genealógica das línguas europeias, Schleicher buscou reconstruir a origem das diferentes subfamílias de línguas, postulando a existência de apenas uma língua, da qual se originariam as outras; uma língua hipotética, então, chamada, proto-indo-europeu. Com essa orientação, o autor sustentou que cada língua-filha tinha somente uma língua-mãe, o que conferia pouca importância ao contato entre idiomas distintos, como se as línguas não pudessem ter duplo parentesco e não lhes fosse possível influenciar-se mutuamente.

A reação a esse tratamento dispensado à língua veio mais tarde, marcada pelo manifesto neogramático, no qual estudiosos como Osthoff e Brugmann postularam que a língua não pode ser um instituto externo ao indivíduo, mas interno a ele, inaugurando uma posição subjetivista, reforçada pela assertiva de que, somente por motivações internas, as línguas pudessem sofrer modificações. Diferentemente do MHC, que objetivava reconstruir estágios remotos da língua, essa orientação pretendia investigar os mecanismos da mudança e, a partir disso, tentar reconstruir o passado. Os neogramáticos defenderam também uma concepção de mudança que geraria grandes questionamentos: as mudanças sonoras são absolutamente regulares, ou seja, atingem a mesma unidade fônica em todas as ocorrências; as exceções a essa regra devem tratadas por meio da analogia.

Assim, o movimento neogramático, com sua orientação extremamente internalista, tratou a mudança como um acontecimento que ocorre internamente a cada idioma, excluindo-se a possibilidade de modificações lingüísticas por meio do contato entre as línguas (ou seja, modificações resultantes de proximidade geográfica, conquistas e invasões, trocas culturais, etc). A reação a esses postulados veio ainda no século XIX, por meio dos pressupostos dialetologistas, tópico da subseção a seguir.

### **2.1.2 O CONTATO NA PERSPECTIVA DA DIALETOLOGIA**

Ao contrário da lingüística histórica e do pensamento neogramático, a dialetologia buscou estudar a língua sem dissociá-la da realidade histórica, social e geográfica de seus falantes. De acordo com Faraco (2005, p. 178):

Entende-se por dialetologia o estudo de uma língua na perspectiva de sua variabilidade no espaço geográfico. O termo deriva de *dialeto*, que é a designação tradicional em lingüística das variedades de uma língua correlacionadas com a dimensão geográfica, a chamada variação diatópica.

Para essa teoria, a distribuição de uma comunidade num espaço geográfico geraria diferenças no modo de falar de um povo, uma vez que cada uma das áreas componentes de um espaço possuiria suas peculiaridades, suas experiências sociais, culturais e históricas. Também, uma mudança não se propagaria uniformemente por toda uma comunidade; ao contrário, revelaria diferenças coexistindo em um mesmo espaço geográfico, pois os falantes de uma área não estariam imunes a trocas com falantes de outras áreas. Assim sendo, ao

mesmo tempo em que é possível tratar de dialetos (como o mineiro, o fluminense, o paulista, etc) não se pode pensar que as fronteiras entre tais falares sejam absolutamente precisas. Essas considerações e os estudos realizados pelos dialetologistas levaram os pressupostos neogramáticos a perderem força, já que a regularidade da mudança, seu mais forte argumento, passou a ser questionado.

Em síntese, os estudos dialetológicos e, principalmente, os estudos difusionistas, chegaram a importantes conclusões, tais como: existem centros inovadores e difusores de mudanças, enquanto outros são mais conservadores e podem manter o uso de certas formas tidas como arcaicas; as mudanças podem atingir, primeiramente, palavras mais frequentes e depois as menos frequentes, etc.

A dialetologia foi, portanto, dentre as teorias que procuraram estudar a mudança lingüística, a que destacou, sobremaneira, o papel do contato e sua influência na diversidade lingüística. Além de ponderar que a língua muda e pode ser condicionada por fatores externos, como a posição geográfica, essa teoria levanta a questão do intercruzamento de influências sociais, culturais e históricas, defendendo que não pode haver línguas nem dialetos puros. Um dos grandes nomes dessa corrente teórica é H. Schuchardt, para quem somente o contato com outras línguas poderia causar mudanças em um idioma, que são vistas como ondas sucessivas que se cruzam em diferentes padrões e direções. A teoria das ondas postula que a mudança é sempre motivada por fatores externos e que seus resultados são imprevisíveis, contrariando, mais uma vez, a regularidade da mudança pressuposta pelos neogramáticos.

Além dos estudos dialetologistas, outros trataram do contato, na primeira metade do século XX; porém, não abandonaram a visão internalista da mudança lingüística, conforme será visto na próxima subseção.

### **2.1.3 O CONTATO NA VISÃO DO ESTRUTURALISMO E DA TEORIA GERATIVA**

O ano de 1916, com a publicação do *Curso de Lingüística Geral*, obra póstuma das teorias de Ferdinand de Saussure, constitui o marco do chamado estruturalismo lingüístico. Os estruturalistas, baseados nas definições de *langue* e *parole*, acreditavam que a língua era um sistema homogêneo e que sua estruturação só era possível em virtude dessa homogeneidade, existente em todos os seus estágios. A língua, então, não poderia ser

modificada nem criada por seus próprios falantes, uma vez que externa a eles. Cada falante possuiria um idioleto que sofreria mudanças somente em virtude de critérios internos à própria estrutura da língua; não haveria interferência das experiências dos falantes. Essa perspectiva distinguiu o estudo da língua em determinados estágios (sincronia) e o estudo da língua em estágios sucessivos (diacronia), dando preferência ao primeiro e, com isso, excluindo a possibilidade de as mudanças no tempo serem inter-relacionadas.

Saussure afirma o seguinte: “Nossa definição de língua supõe que eliminemos dela tudo o que lhe seja estranho ao organismo, ao seu sistema, numa palavra: tudo quando se designa pelo termo ‘Linguística externa’” (SAUSSURE, 1916, p. 29). Nessa afirmação, o autor assume que a língua pode ser definida pelo viés da linguística que considere os fatores externos relevantes para a explicação da diversidade, mas pondera que esse não é o caminho tomado por ele, que considera a língua uma estrutura abstrata utilizada pelos falantes, sendo, então, um sistema que independe dos fatores externos. Ao distinguir a linguística diacrônica da linguística sincrônica, Saussure confere maior importância à última, argumentando que apenas o plano sincrônico constitui a verdadeira e única realidade da língua, e que o estudo da língua sob uma perspectiva histórica não permite a percepção de tal instituto, mas apenas dos acontecimentos que o modificam, que são estranhos à sua estrutura. Esse estudioso postula, também, que enquanto a língua é um instituto autônomo e social (que existe na coletividade, independentemente da vontade dos indivíduos), a fala diz respeito a cada um dos indivíduos e, portanto, depende de sua vontade; assim é impossível estudar os dois institutos como se fossem um só.

Parece, portanto, evidente, sob a perspectiva saussureana, que o contato entre línguas não se mostraria relevante para a explicação do fenômeno da mudança, já que se configuraria como um fator externo e, logo, incapaz de afetar a estrutura interna da língua. Ao mesmo tempo em que comunga com a Dialetoлогия, ao aceitar a existência de dialetos e a imprecisão de seus limites, Saussure distancia-se da visão dialetológica, ao defender que a diversidade geográfica é um aspecto secundário na explicação da mudança linguística, do que se infere que o autor não reconhece o papel do contato linguístico.

Também, no âmbito da Teoria Gerativa, as diferenças linguísticas explicam-se apenas diante de propriedades internas à língua. Os gerativistas tratam a linguagem como uma capacidade biológica inata; daí a existência da Gramática Universal (GU), definida como um conjunto de princípios (propriedades que não variam de língua para língua) ao que se juntam os parâmetros (propriedades que podem ser marcadas positiva ou negativamente), responsáveis pela variação linguística. Em síntese, para os gerativistas, a variação linguística

limita-se à variação paramétrica, de modo que a mudança lingüística é um processo ligado às condições de aquisição da linguagem nas diferentes gerações de falantes. Pode-se, então, inferir que, sob tal perspectiva, o contato entre falantes de línguas distintas pode ter como conseqüência a emergência de novas gramáticas, a partir de reestruturações, motivadas por marcações paramétricas.

#### **2.1.4 O CONTATO NA *EXPLICAÇÃO DA MUDANÇA LINGÜÍSTICA***

Já, entre as décadas de 1920 e 1930, os estudiosos do Círculo de Praga assumem que a língua seria um sistema funcional e que a concepção de língua como um sistema autônomo era errônea; acreditavam que a gramática da língua era processada considerando-se aspectos como: processamento mental, interação social e cultural, mudança e variação. Alkmim (2001, p.17) postula que, para essa corrente, a concepção de língua

... é tida como funcional porque não faz separação entre o sistema lingüístico das funções que tem de preencher e, ao mesmo tempo, é dinâmica uma vez que reconhece uma força dinâmica na instabilidade da relação entre estrutura e função.

De acordo com tal perspectiva, a mudança emergiria do caráter dinâmico e incompleto da língua, na qual os elementos estariam em um equilíbrio dito instável, ou seja, os sistemas lingüísticos, embora estruturados, não seriam perfeitamente harmônicos, o que favoreceria as mudanças. Em Meillet (1926), percebe-se uma valorização da interferência dos fatores externos na mudança lingüística, na medida em que, para esse lingüista, a língua não é um organismo vivo e autônomo, nem um instituto psíquico-subjetivista; a língua é um fato social (FARACO, 2005), de modo que, ao se tentar explicar uma mudança lingüística, diferentemente do que postulava a corrente estruturalista, os fatores sociais deveriam ser abordados.

Na opinião de Alkmim (2001), no entanto, essa abordagem deve ser aventada em último caso, quando as motivações internas não conseguem explicar certas mudanças. Ainda segundo essa autora, no início do século XX, foi focalizada a importância do contato lingüístico na explicação da mudança, sendo esse entendido como uma proximidade geográfica entre povos de línguas distintas (bem como as relações comerciais e culturais

estabelecidas por eles). Os lingüistas que trabalharam com essa acepção lançavam mão dos termos *substrato*, *superestrato* e *adstrato* para caracterizarem os diversos tipos de contato entre línguas. A língua de *substrato*, numa situação de contato, sofre uma substituição parcial ou total de suas partes; a língua originada dessa mescla é chamada de *superestrato*, em relação à primeira e *adstrato* é uma língua que ocorrerá ao lado de outra, interferindo nesta e servindo como fonte de empréstimo permanente. A Neolingüística Italiana, corrente na qual surgiu o conceito de *substrato*, abre espaço para uma nova orientação: a consideração das situações de fala para estudo da mudança lingüística, antes feito somente a partir de textos escritos. Esses estudiosos postulam que as mudanças acontecem por meio da mistura de populações (conquistas de territórios) e da adoção da língua do povo dominante, mudando-se a pronúncia de acordo com os hábitos da língua original. Acreditam também que muitas mudanças se configuravam como criações de falantes, imitadas e propagadas em áreas homogêneas, indicando, então, que o conceito de língua para eles é o de um sistema homogêneo. Portanto, para essa corrente teórica, o ponto de partida para uma mudança era o próprio indivíduo numa comunidade homogênea que, em contato com outra língua, incorporava traços dessa língua naquela da qual já era falante.

As situações de contato foram exaustivamente estudadas no que se refere às relações estabelecidas entre povos que falam línguas distintas, podendo acontecer de haver mais de duas línguas envolvidas. Nessa relação de proximidade, não somente a língua seria o fator preponderante, mas as culturas dos povos em questão, que poderiam ser parecidas ou dessemelhantes. A consideração do papel da cultura seria de extrema importância, pois segundo Thomason e Kaufman (1991), a situação de contato é primeiramente condicionada pela história social dos falantes e não pelos fatores lingüísticos. E, para Weinreich, Labov e Herzog (1968), assim como para Milroy (1987) e Mateus (2004), o contato também seria a relação de troca entre pessoas de uma mesma comunidade, não sendo restrito apenas à relação entre povos que falam línguas distintas.

O clássico estudo de Weinreich, Labov e Herzog (doravante WLH) defende a concepção de língua como um sistema mutável e heterogêneo; tal concepção constitui um dos fundamentos da Teoria da Variação, na qual a homogeneidade lingüística é, portanto, rejeitada. WLH admitiram que a existência de diferentes posições geográficas, cada qual com seus falares e características, era uma das grandes responsáveis pela diversidade da língua; mas assim como os dialetologistas, também acreditavam que, num mesmo dialeto, poderiam ser encontradas manifestações distintas de fenômenos lingüísticos (variedades que seriam

reflexos das diferentes classes sociais dos falantes, gênero, idade, grau de formalidade, grupo social, etnia) e que essas variedades poderiam entrar em variação:

Também encontramos na maioria das comunidades de fala formas distintas da mesma língua que coexistem, grosso modo, na mesma proporção, em todas as sub-regiões geográficas da comunidade (...). Estas formas coexistentes podem ser conhecidas como “estilos”, mas também como “padrões”, gírias, “jargões”, “jeito antigo de falar” (“old talk”), níveis culturais ou “variedades funcionais” (WLH, 1968, p. 96-97).

Assim é que, para a Teoria da Variação, a existência de variedades no sistema lingüístico faz com que a língua seja um sistema heterogêneo, emergindo, dessa condição, a mudança lingüística. E, ao contrário do que pensava a corrente estruturalista, o dinamismo das línguas não acarreta a perda de seu caráter sistêmico, pois os falantes nunca deixam de entender e de se fazer entender em decorrência do movimento lingüístico, uma vez que as mudanças não acontecem abruptamente, ou seja, as mudanças são lentas, atingem partes da língua e passam por processos contínuos de variação. Em tais processos, variantes (definidas como formas alternativas de se dizer a mesma coisa) coexistem, depois concorrem entre si, até uma suprimir a outra. Assim, tem-se que uma mudança só acontece em virtude da variação, embora, nem sempre, um processo de variação desencadeie mudança lingüística. Dessa forma, essas variantes estariam disponíveis a todos os falantes que poderiam adotá-las, com competências diferentes, em virtude de restrições de práticas e *status* sociais; mas que todos teriam, geralmente, a capacidade de interpretar informações em quaisquer dos enunciados oferecidos por uma ou outra forma variante (WLH, 1968). Pode-se inferir, portanto, por meio dos dizeres desses estudiosos, que variedades da mesma língua convivem, estabelecendo contato entre si e, a partir do momento em que há uma disputa entre elas, há um processo de variação que pode levar a mudanças, se uma das variedades for adotada em detrimento da outra.

Os principais estudos de Milroy trataram basicamente das relações de contato entre pessoas numa mesma comunidade, e tais relações são chamadas de redes sociais. Essas redes podem fazer com que significados diversos de um significante ou que novas palavras criadas por certo grupo, por exemplo, se disseminem por outros grupos. Isso acontece, primeiramente, em virtude da contínua interação de indivíduos num território definido. Esses indivíduos também estabelecem uma relação de contato com falantes de outras áreas, pois sua rede de contatos raramente é restrita, já que trabalham, estudam e divertem-se com pessoas de diferentes níveis sociais do seu. A disseminação de um item, por exemplo, começará ao se estabelecer contato com um amigo (1<sup>a</sup>. ordem); este está em contato com outra pessoa, que

não faz parte da rede do primeiro indivíduo (2ª. ordem) e assim sucessivamente. Todas as estâncias desse contato estão ligadas, mesmo que nem todos os indivíduos se conheçam, e permitem uma contínua relação de trocas, serviços etc.

E, para essa mesma direção, aponta o estudo de Tarallo & Alkmin (1987), de acordo com o qual, o contato lingüístico se dá, basicamente, por meio de duas formas: o contato intercomunidades, que ocorre entre comunidades bilíngües, e o contato intracomunidades, que acontece numa comunidade monolíngüe. Os autores assumem que, no caso das comunidades bilíngües, o processo de contato, *a mescla*, está fatalmente associado aos termos língua *pidgin*, crioulas, etc; as línguas *pidgin*, por exemplo, são o resultado de um contato intenso entre dois ou mais povos que falam línguas mutuamente ininteligíveis. Nesse contato, uma língua (do povo dominante) é considerada superestrato da outra língua, do povo dominado (substrato); o último incorpora traços da língua dominante e vice-versa. O *pidgin* não é considerado língua-mãe, pois nasce a partir do contato entre comunidades e é descartado quando não há mais necessidade de os grupos permanecerem numa situação de troca. Já, o crioulo, seria um *pidgin* nativizado, ou seja, uma nova geração de falantes adquirir o *pidgin* como língua-mãe (AJAYI, 2002). “Esse tipo de língua nasce, normalmente, a partir das necessidades e interesses de grupos, que podem ser, por exemplo, a urgência em se estabelecer relações comerciais e econômicas” (TARALLO & ALKMIN, 1987, p. 82). Os autores exemplificam essa situação citando a Inglaterra, França, Portugal, Espanha, países que se viram obrigados a estabelecer contato com falantes da África e do Oriente, em virtude do comércio. Caso esse contato não fosse estabelecido, a expansão política e econômica da Europa, no século XV, não seria bem sucedida. Por outro lado, a necessidade da mescla lingüística pode não existir e, assim, as comunidades resguardam suas características e apenas coexistem, sem haver reflexos das características de uns nos outros. Em outras palavras, “as 'coisas' pertencentes ao mundo objetivo podem manter entre si em um dos dois tipos fundamentais de relação: a) a relação de “convivência”, uma vizinha a outra, mantendo-se integralmente independentes, preservando seus limites e fronteiras individuais; b) a ocorrência de mistura e cruzamento entre elas. Assim, do mesmo modo que “as coisas” do mundo objetivo, as línguas, sua sintaxe, sua fonologia e seu léxico podem se misturar ou permanecer apenas em contato. Ao tratarem da mescla intracomunidade, os autores postulam que um dos pontos-chave do modelo sociolingüístico

... é o fato de o espaço da mescla lingüística ser a comunidade de fala. Ou seja, é nas comunidades de fala ou entre elas que se concretizam diversos tipos de contato, os quais produzem, por sua vez, fenômenos de mescla e/ou

convivência/coexistência, mecanismo esse ativado pelos indivíduos que integram várias comunidades. (TARALLO & ALKMIN, 1987, p.9)

Dessa forma, assumem que, não somente variantes pertencentes a dialetos distintos ou línguas distintas podem estabelecer contato, mas que diferentes variedades figuram numa mesma comunidade de fala e podem ser entrecruzar (iniciando um processo de variação) ou co-ocorrer (convivendo, apenas). Na verdade, as variedades que servem, inicialmente, para demarcar grupos (falantes adolescentes, falantes idosos, falantes sulistas, falantes nordestinos, falantes de grupo social elevado, etc), compondo a grande diversidade da língua portuguesa, por exemplo, podem, a partir do contato, entrecruzarem:

Sabemos, no entanto, que o isolamento dessas variedades (...) nada mais é do que uma abstração, um construto de análise. Na práxis, tais variedades se encontram freqüentemente misturadas, mescladas. Nesse sentido, não deveríamos falar de variedades geográficas puras, ou sociais, ou estilísticas, ou étnicas. (TARALLO & ALKMIN, 1987, p. 9)

Assim, entende-se que as diferenças e as particularidades, citadas pelos autores, refiram-se não só às variedades geográficas que compõem o cenário sociolinguístico brasileiro, mas àquelas que surgem, tendo em vista as realidades sociais distintas dos falantes, e aquelas que nascem em virtude das diferentes situações de comunicação, no caso, a situação formal e a informal. Essas variedades podem se intercruzar e travar uma disputa, ou apenas permanecerem em contato:

As diferentes maneiras de falar, sintaxes e fonologia diferenciadas, línguas distintas ou coexistem à medida que se compartimentalizam com vistas às suas respectivas funções sociais, ou se cruzam, combatendo-se umas às outras pela conquista de um espaço social próprio (...) é apriorístico qualquer julgamento da coexistência ou convivência de variedades linguísticas, de um lado, e do cruzamento entre elas, de outro (...) (TARALLO & ALKMIN, 1987, p. 9).

Portanto, a disputa de variantes linguísticas (ou seu entrecruzamento, nas palavras dos autores acima) pode levar a mudanças, que acontecem em todos os componentes da língua. Também, para Mateus (2004), o contato não somente com outras línguas, mas com outras realidades sociais, políticas e culturais é uma das causas de variação e mudança, configurando-se como uma causa exterior que provoca alterações no interior da língua. Postula, ainda, que o léxico é o componente da língua que mais se expandirá, em função do contato; nessa situação, palavras podem perder, restringir ou ampliar seu significado, uma vez que o léxico é o componente que mais oferece possibilidade de mudança.

## 2.2 A MUDANÇA NOS COMPONENTES DA LÍNGUA

As mudanças lingüísticas não selecionam componentes das línguas, acontecendo no léxico e deixando de acontecer na sintaxe, por exemplo, pois uma das características mais marcantes da língua é permitir que mudanças aconteçam em todos os seus níveis: na sintaxe, fonologia, morfologia, léxico, etc. Os três primeiros níveis são os mais estudados por todas as correntes que procuraram estudar a dinamismo das línguas. De acordo com Martinet (1971), tudo pode mudar na língua: as palavras, o valor das palavras, a sua ordem no enunciado, a natureza e condições de emprego das unidades fonológicas. Assim, novos sons, novas palavras e construções aparecem continuamente, enquanto outras unidades e maneiras de dizer diminuem de frequência e podem se arcaizar.

Das mudanças sintáticas mais famosas, Faraco (2005) cita a questão dos constituintes das sentenças que, no latim, não seguiam a uma ordenação rígida em virtude das flexões das palavras que marcavam as posições de sujeito e objeto, por exemplo. Na passagem para as línguas românicas, essas flexões se perderam, o que gerou uma ordenação rígida dos elementos nas estruturas frasais. Nas mudanças morfológicas, palavras autônomas podem se tornar morfemas derivacionais, por exemplo, os advérbios do indo-europeu que passaram a prefixos em latim, no processo de anteposição a um verbo e posteriormente sua aglutinação: *sub* (advérbio) + *placare* (verbo) = *supplicare* (verbo). Também sufixos podem desaparecer como morfemas distintos passando a integrar a raiz da palavra: *-ulu-* (sufixo latino) integrou-se à raiz das palavras, transformando uma forma derivada numa simples que substituiu a palavra original. Ainda, a perda de flexões de caso no latim, citada acima, que atribuíam a cada palavra, pela distribuição em declinações, uma função sintática, acabou gerando a mudança na ordem dos constituintes na sentença. Tem-se, assim, que uma mudança atingiu primeiramente a estrutura morfológica das palavras, e, posteriormente, ocorreu uma mudança na sintaxe da língua. Já as mudanças fonético-fonológicas tratam da realidade sonora das palavras, mas de formas diferentes. Um exemplo da primeira é alteração da pronúncia de certos segmentos em determinados ambientes da palavra: a substituição do /l/ por /w/ no fim de sílabas alterou a pronúncia de itens como *golpe*, *alto*, *soldado*, porém não alterou o número de fonemas dessas palavras. Já a mudança fonológica gera alterações mais profundas que uma mudança fonética; por exemplo, o desaparecimento de /ts/ e /dz/, alterou o número de fonemas de palavras que possuíam essas unidades sonoras. Por outro lado, o surgimento de /ɲ/ e /ʎ/, na passagem do latim para o português, acrescentou dois novos

fonemas ao sistema, estabelecendo um contraste com /n/ e /l/, formando pares como *manha x mana; malha x mala*. Já a mudança lexical é mais estudada focando-se a composição do léxico e sua origem; os processos que incorporam novas palavras, emprestadas de outras línguas; a substituição de palavras que caem em desuso (arcaísmos) em favor de outras; a incorporação de novos significados a significantes já existentes; situações que serão vistas na próxima seção.

E, para Assumpção Júnior (1986), algumas partes da língua são mais suscetíveis à mudança, enquanto outras são mais rígidas:

O sistema fonológico e gramatical de uma língua é constituído por um número limitado de elementos intimamente organizados. O vocabulário, por outro lado, é um agregado frouxo de um número infinitamente maior de unidades; e, conseqüentemente, muito mais fluido e móvel, e elementos novos – palavras ou significados – podem ser acrescentados com maior liberdade, enquanto que os já existentes podem cair em desuso com toda a facilidade (ASSUMPÇÃO JÚNIOR, 1986, p. 31).

Assim “qualquer parte da língua pode mudar, desde aspectos da pronúncia até aspectos de sua organização semântica e pragmática” (FARACO, 2005, p. 34), no entanto, é correto postular que das partes constituintes da língua, o léxico é a mais aberta a mudanças, na medida em que nele se percebe mais claramente a intimidade das relações entre língua e cultura.

### 2.3 O LÉXICO

O léxico pode ser definido, “grosso modo”, como o conjunto de palavras de uma língua. Segundo Biderman (2001, p. 179) “qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades”. A atividade de nomear para designar os referentes diversos é específica da espécie humana; assim, o léxico constitui um acervo de signos lingüísticos por meio dos quais o homem não só se comunica, mas também cria e armazena conhecimentos, refletindo o universo cultural de uma sociedade.

O léxico mantém uma estreita relação com a história cultural da comunidade, porque cultura e sociedade são dois institutos indissociáveis, constituindo uma forma de pontuar a visão de mundo que os falantes possuem e as diferentes fases da vida social de uma

comunidade (FERRAZ, 2006). E Assumpção Júnior (1986) postula que o léxico engloba o conjunto de signos lingüísticos pelos quais o homem se expressa, comunica, cria e assimila novos conhecimentos, não só de sua civilização, mas de outras também.

Para Benveniste (1989), o vocabulário de uma língua é uma fonte importante para os estudiosos da sociedade e da cultura, pois carrega informações sobre as formas e as fases da organização social, dos regimes políticos, etc.

### **2.3.1 A ESTRUTURAÇÃO DO LÉXICO**

As três principais áreas que estudam o léxico são a Lexicografia, Terminologia e Lexicologia. A Lexicografia é conhecida como a ciência dos dicionários e, por meio de teoria e prática fundamentadas, produz obras de suma importância, pois os dicionários representam a memória coletiva da sociedade. Ao mesmo tempo, essa ciência possui a difícil tarefa de acompanhar a constante expansão do léxico e deve impor sérios critérios, que distingam publicações como o dicionário e o vocabulário; nomenclaturas, tantas vezes, adotadas aleatoriamente. A Terminologia, mais específica, estuda um subconjunto do léxico, representado pelas áreas específicas do conhecimento humano, tal como medicina, lingüística, direito e outras; ramos que possuem designações próprias e não fazem parte da linguagem comum, do dia-a-dia. Ao estudar tais matérias, obras terminológicas/terminográficas são produzidas, instrumentos de muita utilidade para quem ingressa nessas áreas específicas, por exemplo, os estudantes universitários. A Lexicologia tem como objeto de estudo três problemas teóricos básicos (a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico). O primeiro, a identificação de uma unidade lexical, é tarefa tortuosa, pois tem que lidar e considerar diferentes posições sobre o assunto. De acordo com Biderman (2001), a teoria gramatical clássica estabeleceu que a palavra é a unidade operacional básica e áreas como morfologia e sintaxe tradicionais se construíram a partir disso. No entanto, os critérios para delimitação e definição de palavra são ainda discutidos e o próprio conceito de palavra é muito relativo. O segundo problema, a categorização léxica, tem a ver com a forma com que os falantes concebem e interpretam a realidade, e como esta é registrada e armazenada na memória, por meio de um sistema classificatório que é fornecido ao indivíduo pelo léxico. O terceiro ponto, ao qual daremos destaque nessa subseção, é a estruturação do léxico.

Ainda, de acordo com Biderman (2001), a estruturação do léxico diz respeito à significação das palavras de acordo com os diversos contextos em que elas podem ser inseridas: explícitos ou situacionais. Isso significa dizer que um vocábulo terá tantos significados quantos forem os diferentes contextos em que pode ser utilizado. Um lexema possuirá, então, mais que uma significação básica ou nuclear. A autora completa esse raciocínio, postulando que o campo semântico de um vocábulo pode evoluir historicamente, ter seu núcleo de significação deslocado, que poderá ocupar o centro do campo conceptual original. E exemplifica essa questão com o termo latino utilizado para designar a noção de casa: *domus*. A palavra *casa* possuía outros significados: *cabana*, *choupana*. Ao evoluir para as línguas românicas, *casa* deslocou *domus* do centro de seu campo semântico que se tornou periférico, após residual, resultando: *casa* na língua espanhola, portuguesa e italiana; porém, nesta última, a forma *duomo* persistiu significando *casa de Deus*. Dessa forma, é possível dizer que a maioria dos lexemas possui um significado exclusivamente conceptual, que se refere explicitamente a um conteúdo denotativo e cognitivo dos dados da realidade e possui outros significados que variam de acordo com o contexto.

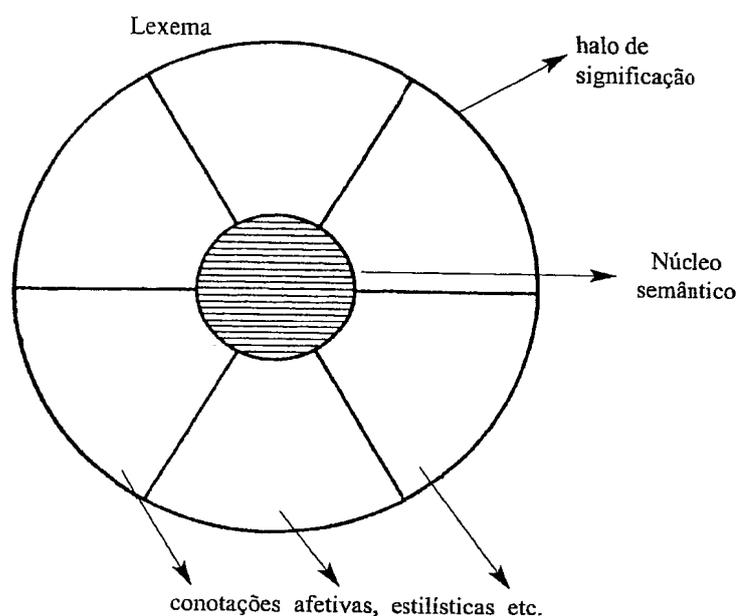


FIGURA 1 - Campo conceptual da palavra  
Fonte: BIDERMAN, 2001, p. 188.

Diante da dificuldade em se estabelecer modelos que pudessem abarcar com coerência a estruturação do significado, Baldinger (1966) propõe uma teoria com o objetivo de explicitar as complexas relações entre os significantes e os significados. Surgia, assim, na segunda metade do século XX, a teoria do campo semasiológico (os significados) e onomasiológico (os significantes).

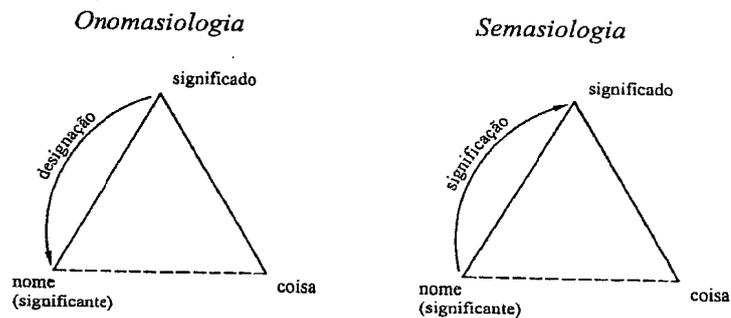


FIGURA 2 - Triângulo de Baldinger I  
Fonte: BIDERMAN, 2001, p. 199.

De acordo com Seabra (2004, p. 34), a Onomasiologia e a Semasiologia “ao mesmo tempo em que se opõem, complementam-se, constituindo uma boa metodologia para o estudo da forma como se estrutura o léxico”, uma vez que uma descrição simples, não complementar, não dá conta de acompanhar o percurso histórico das unidades léxicas e das diversas significações que elas podem carregar, de acordo com a necessidade dos falantes. Assim, tem-se:

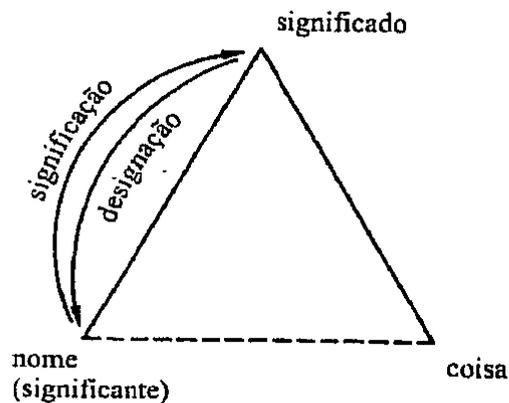


FIGURA 3: Triângulo de Baldinger II  
Fonte: BIDERMAN, 2001, p. 200.

Segundo Baldinger (1966, p.30):

A Onomasiologia visualiza os problemas sob o ângulo do que fala, daquele que deve escolher entre diferentes meios de expressão. A Semasiologia focaliza os problemas sob o ângulo do que ouve, do interlocutor que deve determinar a significação da palavra que ele entende dentre todas as significações possíveis.

A Onomasiologia é largamente utilizada pela Lexicologia: o falante, partindo do que quer dizer, denotativa ou conotativamente, escolhe qual a designação deverá utilizar. Biderman (2001) exemplifica com o subsistema velho/idoso/antigo: *velho* pode qualificar pessoas, móveis, animais, sentimentos e outros; *antigo* pode ser usado como qualificador de *móvel*, *sentimento*, *dor*, mas soa estranho ao aplicar-se a pessoas e animais, sendo preferido o uso com objetos concretos e conceitos abstratos; *idoso* só se aplicaria a pessoas. Portanto, tendo em mente o que deseja expressar, o falante opta pela melhor designação possível em seu sistema léxico. Já a Semasiologia, foco da Lexicografia, parte dos significantes e de suas possíveis interpretações dentre todas possíveis: *livro* pode significar *livro*, *tomo*, *volume*, *obra*, *códice*, *fólio*, *catálogo*, e o uso de um significado ou de outro dependerá do contexto e/ou situação.

Enfim, a expansão/inação do léxico, que acontece em virtude da criatividade humana e da necessidade de novas designações, vem alterando sobremaneira a estrutura dos campos semasiológicos e onomasiológicos. Dessa alteração nascem os neologismos.

### **2.3.2 Os NEOLOGISMOS**

Os neologismos podem ser caracterizados como “o elemento resultante do processo de criação lexical” (FERRAZ, 2006. p. 222); “como uma criação vocabular nova, incorporada à língua” (BIDERMAN, 2001, p. 203). Esses vocábulos refletirão sobremaneira as mudanças pelas quais o léxico passa, pois é nos neologismos que se identifica o verdadeiro retrato da sociedade de uma determinada época. As formações neológicas de uma língua acontecem por meio de várias motivações: a necessidade de maior expressividade no discurso; a necessidade de se designar conceitos e objetos que até então não faziam parte de nossa vida social; assim, nos neologismos, estão presentes novidades no que diz respeito à economia, à política, aos esportes, à arte, à tecnologia, etc. E a neologia faz referência aos

fenômenos que surgem em certos momentos numa língua, sejam aqueles de ordem fonética, fonológica, semântica, lexical, etc. Para Ferraz (2006, p. 221), a mudança lexical se depara com duas ocorrências de fácil observação: “a obsolescência de unidades que caem em desuso e o surgimento de novas unidades na língua, os neologismos”. De acordo com Preti (1984, p. 157):

Hábitos que surgem, desaparecem e ressurgem em diferentes épocas ficam testemunhados nos fenômenos da neologia ou da obsolescência dos vocábulos, nos muitos significados que os dicionários registram. Ele é a expressão mais imediata da própria vida, parte integrante das normas de existência de uma comunidade (...).

Dois tipos de neologismos podem ser distinguidos: o neologismo formal e o neologismo conceptual. Ainda, segundo Biderman (2001), o *neologismo formal* representa uma nova palavra introduzida na língua, que pode ser um termo vernáculo ou uma forma que passa a integrar o sistema lingüístico por meio do contato com outras realidades lingüísticas, sendo, assim, um empréstimo estrangeiro. E tais são os mecanismos utilizados pela língua ao emprestar palavras de outra língua:

1. O decalque, quando se utiliza a versão literal do lexema modelo na língua originária, por exemplo, antipolvente, bens de consumo, calculadora, cartão de crédito, fim de semana, etc. Todas essas palavras são calcos literais do inglês, a partir de lexemas e processos formais de derivação léxica típicos do português;
2. A adaptação da forma estrangeira à fonética e ortografia brasileira, o que acontece quando o estrangeirismo já acontece há algum tempo da língua: boicote (boy-cott); clube (club); drinque (drink); sanduíche (sandwich); patê (paté); toalete (toilette) etc.
3. A incorporação do vocabulário com a sua grafia e fonética originais: best-seller; close-up; check-up; marketing; playboy, gourmet, lingerie, couvert etc. (BIDERMAN, 2001, p. 208-210)

De acordo com Thomason & Kaufman (1991), o empréstimo lingüístico é um tipo de interferência de uma língua sobre outra, que se dá por meio do contato. Esse se dá quando determinado povo e sua língua (L<sub>2</sub>) incorporam características estrangeiras; porém a língua recebedora dos novos traços é preservada, apenas mudando pela adição das características da língua do outro povo (L<sub>1</sub>). Ajayi (2002) pondera que o contato entre línguas pode gerar mudanças ou apenas interferências, que ocorrerão, sobretudo, sob a forma de empréstimos. E, de acordo com Biderman (2001), vários são os exemplos de empréstimos estrangeiros na língua portuguesa atual: a) biodiversidade, celular, scanner, internet; b) lexias complexas:

coleta seletiva, endereço eletrônico, ressonância magnética; c) expressões idiomáticas: acabar em pizza, cair a ficha, sacar um lance, viajar na maionese.

No *neologismo conceptual*, observa-se não uma nova criação, mas um novo sentido sendo atribuído ao campo semasiológico de um significante qualquer. Na língua portuguesa citam-se: *excedente*, quando significa aluno excedente em relação às vagas da universidade; *incentivo*, quando estímulo fiscal, *dispositivo*, ao se referir a “um mecanismo disposto para se obter certo fim” e outros (Biderman, 2001, p. 203). A autora diz, ainda, que os empréstimos (anglicismos, galicismos, latinismos, italianismos, arabismos) também podem se encaixar na definição de neologismo conceptual.

Também, para Alves (1994), o processo de criação de novas unidades léxicas denomina-se neologia e ao elemento resultado desse processo, dá-se o nome de neologismo. A autora acredita que o estudo das formações neológicas permite analisar a evolução da sociedade que dela se utiliza, já que nos neologismos se reflete as transformações de toda ordem pela qual a língua passa. Afirma que a inserção de novas palavras pode dar-se por meio de processos autóctones e da incorporação de itens lexicais de outras línguas e que os principais mecanismos dos quais a língua portuguesa dispõe para ampliar seu léxico são oriundos do latim. Além disso, a autora considera que, o contato intenso da comunidade de fala portuguesa com outros sistemas lingüísticos (celtas, fenícios, bascos, bárbaros, árabes, africanos e tupis) gerou grandes influências no léxico português; além dos empréstimos culturais “fruto de relações sociais luso-brasileiras com outras sociedades (origem provençal, francesa, espanhola e italiana” (ALVES, 1994, p. 6). Dentre essas relações, a influência francesa recebeu destaque do século XVII ao século XX, mas, contemporaneamente, é a língua inglesa a principal fonte de empréstimos à língua portuguesa e muitas outras. Ainda, segundo a autora, o falante, ao criar um neologismo, tem consciência, muitas vezes, de que está inovando, gerando novas unidades léxicas; isso ocorre tanto com os processos de formação vernácula quanto com os estrangeirismos. Alves coloca que não basta a criação do neologismo para que ele se torne membro integrante do acervo lexical de uma língua, pois a comunidade lingüística, pelo uso do elemento novo ou pela sua não difusão, decide se essa forma vai ou não integrar o idioma. Se o neologismo for freqüentemente empregado numa comunidade de fala, pode se inserir em obras lexicográficas, nas quais perderá seu caráter novo, passando a fazer parte da língua. E, para a estudiosa, são tipos de formações neológicas: a) a neologia fonológica; b) a neologia sintática (derivação, composição, formação por siglas, composição sintagmática); c) a neologia semântica; d) a neologia por empréstimos, entre outros. Dentre esses tipos, a autora destaca a ocorrência da derivação por prefixação e

sufixação, tidos como os processos léxico-dinâmicos mais criativos do português contemporâneo. A derivação por prefixação consiste na união de um prefixo a uma base, acrescentando-lhe diversos significados. Vejamos os exemplos oriundos de *corpora* jornalísticos, da década de 70 aos anos 90, coletados e analisados pela autora,:

- a) “Nenhum sindicato do país entra em negociação sem consultar o DIEESE, mesmo os *não-filiados*, revela Oliveira”
- b) “Na vida amorosa de Elizabeth Taylor, estabilidade é emenda *anticonjugal*”
- c) “A ofensiva *anti-IBOPE* de A. Carlos, seja qual for seu desfecho na justiça, certamente vai intensificar a radicalização da campanha baiana”
- d) “*O semi-fracasso* do último filme não deve abatê-lo, o mesmo valendo para uma candidatura Quayle”
- e) “Direito de greve restrito, *semi-restrito* ou irrestrito, o mundo aprendeu a lidar com esses conflitos há muito tempo” (Alves, 1994, p. 16)

O processo de sufixação acontece quando um elemento de caráter não autônomo e recorrente atribui à palavra-base, a que se associa, uma idéia acessória, conforme os exemplos abaixo:

- a) “*Achistas* – são os que procedem conforme as normas do achismo, conduta baseada na extrema valorização de caprichos...”
- b) “... superando todas as correntes tradicionais, *chaguistas, moreiristas e brizolistas*”.
- c) “... que estão desarmadas para enfrentar uma nova rodada *aceleracionista*.”
- d) “... o perigo de *argentinizacão* da inflação e inexistência de recursos...”
- e) “... medida a ser seguida pelo *enxugamento* de seu quadro de funcionários”. (Alves, 1994, p. 29-31)

Além de outros processos, a estudiosa cita a composição por siglas, ou acronímica, que consiste na redução de um sintagma, freqüentemente pela extração das iniciais dos elementos componentes desse, em nome da eficácia e rapidez na comunicação; porém, tal feito só será possível, se a sigla for interpretada pelos receptores. São exemplos desse processo:

- l) “As atividades ‘extraclasse’ são, muitas vezes, promovidas pela Associação de Pais e Mestres (**APM**)...”
- m) “... está recebendo uma dívida de 12 bilhões de cruzados de seu antecessor, Jarbas Vasconcelos, do **PMDB**.”
- n) “O presidente me determinou e eu vou implantar as **ZPE’s**...”
- o) “Depois disso deverá prevalecer a correção pelo **IPC**.” (Alves, 1994, p. 56-57)

Ainda, os itens neológicos formados pelo processo de composição por siglas podem derivar novas unidades léxicas, de bastante domínio popular. Tais são os exemplos:

- p) "... a otenização que consiste em fixar os preços e contratos em OTN..."
- q) "Otenizar o IPI é praticamente a única maneira de aumentar a arrecadação de impostos federais."
- r) "... vereadores compareceram ao plenário para votar o que chamaram de 'urpização'(de URP) do IPTV..."
- s) "A sublegenda, (...) que o peemedebismo e o pefelismo vitorioso..." (Alves, 1994, p. 58-59)

Para Barbosa (1991), o estudo da renovação lexical é muito importante na medida em que mostra de maneira clara as transformações pelas quais o sistema de valores compartilhados por um grupo passa. Segundo ela, não é pelo fato de uma palavra ter caráter inédito que passa a ser imediatamente considerada neológica, pois há vários momentos importantes na criação do neologismo:

- 1º.) O instante mesmo de sua criação;
- 2º.) O momento pós-criação, que se refere à recepção, ou ao julgamento de sua aceitabilidade por parte dos destinatários, bem como sua inserção no vocabulário e no léxico de um grupo lingüístico cultural;
- 3º.) O momento em que começa a dar-se a sua desneologização.

Segundo Carvalho (1984), quando se fala em neologismo, é intrínseca a referência a conceitos como mudança, evolução, novidade, criação, surgimento, inovação, pois além de testemunhar a criatividade de seus falantes, os neologismos têm profunda ligação com as manifestações do mundo exterior e as mais diversas áreas de conhecimento. E, segundo a autora, "a maneira mais simples e econômica de surgimento de uma palavra não é através de construção e sim de mudança de sentido" (CARVALHO, 1984, p. 23). Ainda, a partir do momento em que o neologismo é criado, só passa a ter esse estatuto se for usado generalizadamente a ponto de ser um vocábulo disponível para pelo menos um grupo de indivíduos e, se depois, começa a se difundir, o neologismo completa seu percurso, perdendo a consciência de fato neológico e se desneologiza. Isso vai ocorrendo na medida em que seu uso aumenta, diminuindo, portanto, seu impacto de novidade lexical. É preciso, também, considerar o relativo o conceito de neologismo, já que pode ser analisado do ponto de vista diacrônico, diatópico, diastrático e diafásico. Sobre o ponto de vista diacrônico, Ajayi (2002) pondera que uma forma lingüística é considerada neologismo somente sob um posto de vista sincrônico, quando o significante ou o novo significado atribuído a uma forma, causa certo estranhamento aos falantes. A partir de momento em que tal estranhamento não mais

acontece, o item pode completar seu caminho e perder seu caráter neológico, como já citado acima. O autor, ainda, cita exemplos de palavras que são neologismos, apenas se analisadas diacronicamente: *anel*, *viagem*, *milagre*, *azul*, *chá*, etc. Retomando Carvalho (1984), o neologismo diatópico pode ocorrer das seguintes maneiras:

- Pode ser criado, por exemplo, numa única região, ficando a ela restrito;
- Pode ocorrer como um vocábulo pertencente a uma norma regional e exclusivo dessa região, passar para outro local, tornar-se conhecido neste, onde é adotado. Esse é um fenômeno comum, favorecido pelas correntes migratórias, pelo comércio ou pela difusão através da mídia, por exemplo, o caso do *vestuário*, das *comidas típicas*, da *dança*.

Assim, os neologismos comuns a certas regiões, podem ser adotados em outras áreas, sobretudo, pelo contato entre os falantes, no caso, por meio de correntes migratórias. E, para essa estudiosa, fato semelhante pode acontecer com os neologismos diastráticos, vocábulos característicos de uma camada social, ou mesmo os neologismos que já sofreram o processo de desneologização, que podem ser introduzidos em outra camada, como uma novidade lexical. Para a autora, as causas dessa “viagem” são as mesmas dos neologismos diatópicos, o contato lingüístico. E esses neologismos podem ser caracterizados como termos metalingüísticos ou técnico-científicos, específicos de uma ciência, que surgiram como neologismos específicos, mas que se desneologizam, e podem ser adotados noutra área de conhecimento. Também, termos que são utilizados primeiramente por falantes que ocupam as camadas sociais mais altas ou baixas podem migrar para grupos intermediários ou acontece o movimento contrário.

Segundo Assumpção Júnior (1986), a dinamicidade do léxico advém, sobretudo, do desenvolvimento sócio-econômico cultural da sociedade, pois uma língua evolui à medida que aumentam as necessidades comunicativas do falante. Tais necessidades estão diretamente ligadas à evolução científica, intelectual, social e econômica de certo grupo. Essa relação é óbvia, pois com o surgimento de novos produtos e novas relações de trabalho, por exemplo, a necessidade de novas designações se faz presente. Dessa forma, as transformações de ordem econômica e social trazem consigo o surgimento de novos termos e também de novos

significados<sup>1</sup>. Também para esse autor, essa dinâmica implica não somente a criação de novos termos na língua, mas também a criação de novos significados e chama os processos responsáveis pelo surgimento de novos elementos, em nível de significado e significante, de *dinâmica criativa*. Essa última diz respeito aos processos chamados pela Gramática Tradicional de processos de derivação e composição e, da mesma forma que Alves (1994). O autor concorda que esses processos são os mais produtivos da língua portuguesa. Como exemplo do processo de prefixação, cita os morfemas *contra-* que originou: *contraprova*, *contracheque*, *contra-regra*, *contrafilé*; *sem-*: *sem-graça*, *sem-vergonha*, *sem-fim*. No processo de sufixação, cita, dentre outros, os sufixos *-ção*: *agilização*, *viabilização*, *problematização*; *-mente*: *vertiginosamente*, *bruscamente*, *lucrosamente*. Os exemplos de processo de composição são: *samba-canção* (justaposição paratática), *porta-luvas*, *porta-malas*, *pára-choque*, *pára-brisa* (justaposição hipotática). Cita ainda o processo de reduplicação (*bate-bate*, *lambe-lambe*, *mexe-mexe*, *pisca-pisca*) e outros. Já a *dinâmica alterativa* consistiria na alteração da estrutura fônica de um significante (ato não intencional), da qual a nova forma passa a ser variante da original. Um exemplo seria a abreviação, que consiste no decréscimo da estrutura da palavra: *cine* (cinema), *pneu* (pneumático), *táxi* (taxímetro), *extra* (extraordinário), etc. Além de realizar um vasto inventário dos processos responsáveis pela dinamização léxica, o autor cita outro interessante, a rejeição de signos supérfluos, ou a *dinâmica seletiva*, que consiste na seleção de uma pluralidade de signos, a fim de se evitar transtornos na comunicação, uma vez que excesso de elementos pode se tornar inaceitável e provocar situações perturbadoras; assim a língua se encarrega de repelir as formas e expressões supérfluas. Esse autor também acredita que o léxico de uma língua jamais se expande sem a contribuição de outros idiomas, pois as línguas raramente se bastam, e quando uma empresta termos a outra, tem-se uma interferência lingüística, chamada de *dinâmica aquisitiva*. O estudioso afirma que, no léxico, as influências de outras línguas mais se refletem, pois “em matéria morfo-sintática as línguas se revelam em elevado grau, auto-suficientes” (ASSUMPÇÃO JÚNIOR, 1986, p. 27).

Ainda, no campo das formações neológicas de uma língua, a gíria possui um papel preponderante. De acordo com Biderman (2001), a gíria pode ser caracterizada como uma criação popular que nasce de várias necessidades: maior expressividade, o desejo de originalidade, necessidade de não se fazer entender, etc. Segundo a autora, um dos pontos mais caracterizadores do fenômeno gírio é seu caráter efêmero, já que os usuários da língua,

---

<sup>1</sup> As linguagens especializadas, objeto de estudo da Terminologia, são aquelas que mais se ampliarão em virtude do avanço científico.

como frequência, preferem formas em detrimento de outras:

É da essência da linguagem oral buscar o máximo de expressividade: assim, os usuários da língua a consideram, com frequência, desgastada e descolorida, o que os leva a inventarem novos matizes metafóricos e metonímicos para palavras velhas, ou a inventarem novas formas que eles julgam corresponder melhor àquilo que pretendem dizer. Por essa razão, a gíria se desgasta com rapidez e pode ser facilmente posta de lado e substituída por outra gíria (BIDERMAN, 2001, p. 207).

Para Gurgel (2000), a gíria é um instrumento de comunicação, e não apenas uma linguagem específica de grupos; é, ainda, um recurso legítimo usado para se fazer entender. No contexto urbano atual, a existência da gíria está diretamente ligada à necessidade de comunicação cada vez mais rápida. De acordo com Bastos (2002, p. 19):

... a gíria se presta sobremaneira à comunicação atual em todos os níveis. Ela ampara, socorre, dá agilidade, beleza, simplicidade, como ainda dificulta, camufla, protesta, ofende, e dá outros rumos à conversa e enriquece o linguajar.

O fenômeno gírio pode ser bem aceito ou não por certas comunidades em virtude da norma lingüística. É justamente devido à existência de uma norma que alguns grupos podem se formar opondo-se ao uso comum, adotando uma linguagem especial que poderá ser usada apenas por grupos restritos. Quando a gíria passa a ser utilizada como marca original, ela pode ser denominada *signo de grupo*. Para Preti (1984), podemos caracterizar o aparecimento das gírias, relacionando-o com uma necessidade dos falantes de se fazerem entender, inicialmente, dentro de um grupo fechado (gíria de marginais, polícia, estudantes ou de outros grupos e profissões). Existe, porém, a chamada *gíria comum*; ligada ao uso já vulgarizado, que deixa de fazer parte apenas do vocabulário de grupos restritos e passa a compor o vocabulário popular, sendo difícil, assim, estabelecer um limite entre o último e o vocabulário gírio. O aparecimento da gíria como fenômeno de grupo restrito é decorrente da própria dinâmica social e lingüística bem como sua vulgarização. E as gírias podem ser palavras “emprestadas” de outras épocas; configurar-se como criações lexicais, sendo, assim, neologismos formais; constituir-se por meio da apropriação de palavras do nosso dicionário, mudando-lhes o sentido, configurando-se como neologismos conceptuais.

## 2.4 A MUDANÇA/EXPANSÃO DO LÉXICO PELO CONTATO LINGÜÍSTICO

Vimos, na primeira seção deste capítulo, que o contato não foi concebido como explicação da mudança lingüística por diversas teorias. A Dialetoлогия, durante algum tempo, foi a única corrente teórica que conferiu importância às diferentes manifestações dos fenômenos lingüísticos em virtude das diferentes posições geográficas dos falantes. Essa corrente ainda postulou que, numa comunidade, traços lingüísticos próprios de outros dialetos poderiam ser encontrados, pelo fato de haver uma interação contínua entre os falantes de áreas distintas. A Teoria da Variação prevê, primeiramente, que o distanciamento entre comunidades de fala acarreta a diversidade lingüística, por causa da coexistência das múltiplas particularidades, existentes em espaços geográficos distintos; ou seja, essa corrente teórica apontou para a diversidade lingüística, oriunda de situações de falta de contato (comunidades geográficas separadas apresentam particularidades lingüísticas). É possível, portanto, inferir que, ao postular que formas variantes podem coexistir em uma mesma região geográfica, WLH (1968) já previam que variantes distintas, advindas de fatores externos (grupo social, idade, gênero, etc) fariam parte de uma mesma comunidade; ou seja, assumiam que a mudança lingüística é condicionada por fatores internos e, também, externos.

Também Tarallo & Alkmin (1987) observam que as variedades geográficas, sociais, estilísticas, etárias, etc, só numa abstração, não entrariam em contato; assumem que as variedades lingüísticas coexistiriam ou se entrecruzariam e que, a partir dessa situação de variação, poderiam ocorrer mudanças ou apenas influências (adoções de palavras, por exemplo, que podem configurar uma distribuição complementar de itens lexicais, sem apontar para variações).

E, na literatura lingüística, o componente da língua apontado como aquele que mais está sujeito a alterações em virtude do contato é o léxico: na forma de adoção de novas palavras (neologismos formais), que até então não faziam parte do repertório lingüístico de uma determinada comunidade de falantes, e de novos significados para formas já existentes num determinado grupo (neologismos conceptuais). Assim, o léxico se expande por meio de novas palavras que podem ser formadas, principalmente, através de processos de prefixação e sufixação; porém, todos os estudiosos consultados concordam que a atribuição de um novo significado a um significante já existente é a forma mais simples e produtiva de se obter um neologismo. E essas novas formas, ao fazerem parte do repertório lingüístico de um grupo de falantes, podem entrar em contato com outras variedades, numa comunidade lingüística, e

apenas co-ocorrerem, ou estabelecerem, com essas outras variedades, uma competição, com vistas à supressão de uma pela outra – o que configura um processo de variação, que pode, ou não, levar a mudanças lexicais.

**CAPÍTULO 3**  
**PROCEDIMIENTOS METODOLÓGICOS**

### 3.1 O UNIVERSO DA PESQUISA

A povoação de Ouro Preto foi fundada pela Bandeira de Antônio Dias em 24 de junho de 1698 e alçada à categoria de vila, em 1711, passando a chamar-se Vila Rica. A Inconfidência Mineira, no final desse século, configura-se como um dos acontecimentos mais marcantes da cidade de Ouro Preto e de Minas Gerais, e é nessa ocasião, ainda no tempo da Colônia, que surge o desejo de se criar uma Universidade em Vila Rica. Ainda no século XVIII, Vila Rica vivia o apogeu do Ciclo do Ouro e era considerada, do ponto de vista econômico, a cidade brasileira mais importante. A vida cultural e artística dessa época era intensa, o que apoiava os rebeldes inconfidentes a manterem sua contrariedade frente à dominação portuguesa; porém, com o fracasso da Inconfidência, a deportação de membros do movimento e a morte de seu líder, Tiradentes, a construção de uma Universidade acontece apenas no Império e, em 1823, a cidade foi elevada à Imperial Cidade de Ouro Preto. Em 1839 e 1876, são criadas, respectivamente, a Escola de Farmácia e a Escola de Minas, ambas pioneiras no Brasil em suas respectivas áreas. Já, em 1897, Ouro Preto perdeu o *status* de capital mineira, especialmente por não apresentar alternativas viáveis ao desenvolvimento físico urbano, sendo a sede transferida para o antigo Curral Del Rey, onde uma nova cidade, planejada e espaçosa, era preparada (nessa ocasião, a Escola Livre de Direito, existente desde 1892, foi também transferida para a nova capital). De acordo com Machado (2003), a perda do título de capital da província provocou um esvaziamento populacional de até 40%; assim, vários dos imóveis desocupados passaram a abrigar estudantes e ganharam a denominação “repúblicas” (nome adotado a partir da influência dos estudantes da cidade de Coimbra, Portugal).

Com esse grande deslocamento de pessoas, a antiga capital de Minas conservou grande parte de seus monumentos coloniais; em muito devido à conservação dos inúmeros imóveis pelos estudantes, que haviam sido abandonados por seus donos. Em 1933, a cidade foi elevada a Patrimônio Nacional, sendo, cinco anos depois, tombada pela instituição que, hoje, é o IPHAN. Em dois de setembro de 1980, na quarta sessão do Comitê do Patrimônio Mundial da UNESCO, realizada em Paris, Ouro Preto foi declarada Patrimônio Cultural da Humanidade. Em 1969, a UFOP foi inaugurada, e a quantidade de estudantes, conseqüentemente de repúblicas, cresceu consideravelmente.

A cidade está localizada na Serra do Espinhaço, na Zona Metalúrgica de Minas Gerais (Quadrilátero Ferrífero); região Central da Macrorregião Metalúrgica e Campo das

Vertentes, com uma área territorial de 1.245 km<sup>2</sup>. Trata-se do maior município em extensão territorial do estado de Minas Gerais, porque possui um grande número de distritos como: Lavras Novas, São Bartolomeu, Glaura, Amarantina, etc. A distância entre essa cidade e a capital do estado, Belo Horizonte, é de 96 km. Vejamos sua localização no mapa abaixo:



FIGURA 4 – Localização da cidade de Ouro Preto em relação à capital do estado

É importante salientar que dois grupos podem ser distinguidos na comunidade ouro-pretana, compostos pelos *Ouro-pretanos* e pelos *Universitários*. Chamamos de *Ouro-pretanos* aqueles que são naturais da cidade ou adotam-na como domicílio; que trabalham, constituem família e ali permanecem, diferentemente da grande maioria dos *Universitários*, que residem na cidade apenas durante o período de curso.

Entre os anos de 2001 a 2003, o NEASPOC - Núcleo de Estudos Aplicados e Sócio-Políticos Comparados - da UFOP, realizou uma pesquisa em todo o município de Ouro Preto, com o objetivo de retratar as atuais estruturas sociais e econômicas ouro-pretanas<sup>2</sup>.

No ano de 2003, de acordo com os resultados obtidos por esse instituto, Ouro Preto possuía 67.436 habitantes, sendo 33.711 mulheres (50,86%) e 32.566 homens (49,13%).

---

<sup>2</sup> Tal pesquisa resultou no Mapa de Exclusão Social de Ouro Preto e de Mariana e foi encomendada pela Arquidiocese de Mariana.

A grande maioria, 56.292 (84,93%), são moradores da área urbana e, apenas, 9.965 (15,06%), constituem moradores da área rural. Em 2000, eram 16.694 domicílios, sendo que 14.458 (84,39%) são abastecidos com água do sistema municipal; 16.350 (97,93%) dos domicílios possuem banheiro e, desses, 12.306 (73,71%) estão ligados a redes de esgotos.

Ouro Preto apresenta uma estrutura social marcada pela profunda desigualdade nos níveis de instrução e renda. Cerca de 50% da população, de 15 anos ou mais, cursaram apenas até a sétima série do primeiro grau. A porcentagem de pessoas que já cursou o ensino superior é baixa: cerca de 5%. Em relação à renda familiar, a maioria dos entrevistados, 39%, declarou possuir renda que vai de dois a três salários mínimos; 18% declararam uma renda familiar de três a cinco salários mínimos e 20% declararam uma renda superior a cinco salários mínimos. A porcentagem da população que recebe até três salários mínimos é alta: 53%. Na que diz respeito às atividades profissionais, mais da metade (52%) exerce uma atividade geradora de renda, na qual predominam os assalariados. O número de desempregados é elevado (9%), e essa é a principal preocupação da população de Ouro Preto.

Essa população é predominantemente católica (85%) e jovem: cerca de 30%, a maioria, tem entre 25 a 34 anos.

Ainda, é possível afirmar que as principais fontes de arrecadação do município vêm do Turismo e da grande ocupação estudantil que movimentam vários segmentos do comércio ouro-pretano.

De acordo com outra pesquisa<sup>3</sup> realizada pelo NEASPOC, o grupo formado pelos *Universitários* possui aproximadamente cinco mil estudantes. A maioria deles reside em repúblicas particulares (moradias alugadas pelos próprios alunos) e, em segundo lugar, nas repúblicas federais (pertencentes à UFOP); uma parcela de 17% reside com os próprios pais, pensões, casas de família ou residências paroquiais.

A maioria desses estudantes, naturais de outras cidades e regiões, permanece na cidade durante o período de curso (por volta de cinco anos) e possuem laços familiares apenas em outros municípios, para onde regressarão ao término do curso, ou para outro local que ofereça boas condições de trabalho.

Os *Universitários* são, na maioria, jovens que possuem entre 20 e 24 anos. Poucos têm mais de 35 anos ou compreendem a faixa etária de 17 a 19 anos. E, no que se refere aos recursos econômicos, observou-se que: a) a maioria desses estudantes (63%) recebe ajuda

---

<sup>3</sup> Pesquisa realizada junto ao corpo discente da UFOP, por meio da eletiva HIS 694, ministrada pelos professores Adriano Sérgio Lopes da Gama Cerqueira e Fábio Favarsani, em novembro de 2000.

financeira dos pais; b) 13% desses alunos possuem bolsa (uma parte considerável dos alunos bolsistas mora no alojamento, prédio localizado no *campus* principal da UFOP); c) 82% dos *Universitários* não exercem nenhuma atividade remunerada; d) apenas 4% dos alunos exercem algum tipo de atividade ligada ao curso em andamento.

No que tange à renda familiar, nota-se que 70% dos *Universitários* pertencem à classe média ou à classe média-alta com salários acima de R\$755,00<sup>4</sup>, e apenas 30% dos alunos da UFOP apresentam uma renda familiar abaixo de cinco salários mínimos.

Enfim, de acordo com as informações apresentadas, conclui-se que: 1) a grande maioria dos *Universitários* concentra-se nas repúblicas particulares e federais; 2) os *Universitários* compõem uma comunidade predominantemente jovem; 3) a maioria deles não exerce nenhuma atividade remunerada, tendo a família como principal fonte de renda; 4) grande parte dos *Universitários* pertence à classe média ou média-alta.

### 3.2 OBJETIVOS E HIPÓTESES

O objetivo principal desta pesquisa é verificar se, na fala dos *Ouro-pretanos*, os itens lexicais “especiais”, utilizados comumente pelos *Universitários*, também são encontrados, conforme sinalizou uma observação assistemática desses grupos de falantes. Assumimos como objetivos específicos:

- a. Analisar, na fala dos *Ouro-pretanos*, se esses itens lexicais “especiais” estão em processo de variação, e se esse processo está relacionado ao gênero, idade e grau de contato estabelecido pelo informante;
- b. Identificar e descrever os itens lexicais “especiais” dos *Universitários*;
- c. Analisar se o uso desses itens está relacionado ao gênero, idade, período e curso do *Universitário*;
- d. Identificar, por meio de entrevistas com ex-alunos, a possível origem desse léxico e o tempo aproximado de existência dos itens;
- e. Verificar se esses itens sofreram alteração semântica ao longo do tempo, e se existiram itens que não mais constam no léxico estudantil.

---

<sup>4</sup>Valores em acordo com o salário mínimo no período de 2001 a 2003 que variou entre R\$ 151,00 e R\$ 240,00.

Diante do exposto acima, as seguintes hipóteses são levantadas:

**Hipótese 1:** Existe uma influência da fala dos *Universitários* na fala dos *Ouro-pretanos*, e os últimos fazem uso dos itens lexicais “especiais” dos primeiros;

**Hipótese 2:** Essa influência aponta para possíveis mudanças no nível do léxico dos *Ouro-pretanos*, uma vez que os dois grupos vivem em contato há muitos anos;

**Hipótese 3:** É sabido que, para haver mudança, é necessária a ocorrência de variação. Então, pressupõe-se que os itens lexicais “especiais” dos *Universitários* estejam variando, na fala dos *Ouro-pretanos*, com outras formas, ditas conservadoras, que possuem o mesmo significado das formas “especiais”;

**Hipótese 4:** A variação dessas formas pode estar condicionada pelo gênero, idade e grau de contato estabelecido pelos *Ouro-pretanos*;

**Hipótese 5:** A linguagem especial dos *Universitários*, ao contrário do que se postula sobre as gírias, não é efêmera, devido à estrutura das repúblicas estudantis, que facilitam a manutenção dessas formas na fala dos *Universitários*.

### 3.3 A AMOSTRA

Ao todo, um total de 16 entrevistas foi realizado: oito membros de ambos os grupos (*Universitários e Ouro-pretanos*). Esses membros foram divididos igualmente por gênero e faixa etária:

QUADRO 1  
Constituição da amostra utilizada

Número	Sexo	Geração	Ocupação
1	M	G2	Estudante UFOP
2	M	G2	Estudante UFOP
3	M	G1	Estudante UFOP
4	M	G1	Estudante UFOP
5	M	G2	Farmacêutico
6	M	G1	Estudante
7	M	G1	Estudante

Número	Sexo	Geração	Ocupação
8	M	G2	Comerciante
9	F	G2	Estudante UFOP
10	F	G1	Estudante UFOP
11	F	G1	Estudante UFOP
12	F	G2	Estudante UFOP
13	F	G2	Acupunturista
14	F	G1	Doméstica
15	F	G2	Doméstica
16	F	G1	Balconista

Os *Universitários* foram selecionados a partir do 3º período, de modo que houvesse tempo de adaptação e utilização do vocabulário, no contato com os outros estudantes. Ainda, foram distribuídos em duas gerações:

- 1- G1 (composta pelos *Universitários* que cursam do 3º. ao 6º. período);
- 2- G2 (composta pelos *Universitários* que cursam do 7º. ao 10º. período).

A escolha desses informantes aconteceu de forma a contemplar pelos menos um *Universitário* de cada período e um número igual de homens e mulheres, para verificar, posteriormente, se havia diferença na distribuição dos itens lexicais “especiais” na fala desses estudantes em virtude do gênero, período e curso.

Da mesma forma, os *Ouro-pretanos* foram distribuídos em virtude de duas gerações:

- 1- G1 (*Ouro-pretanos* com idade entre 20 e 25 anos);
- 2- G2 (*Ouro-pretanos* com idade entre 45 e 50 anos).

Essa distribuição visou à relação do uso de itens lexicais “especiais” com a idade e o gênero do *Ouro-pretano*, uma vez que foi selecionado um número exato de homens e mulheres; aqueles informantes, não-naturais da cidade, foram entrevistados, caso morassem em Ouro Preto desde a infância, de modo que não houvesse a “contaminação”, em sua fala, de outros centros urbanos, de acordo com a Teoria da Variação. Além disso, consideramos os

seguintes itens abaixo, para estabelecer, a cada *Ouro-pretano*, um grau de contato com os *Universitários*, já que pretendemos analisar o uso dos itens lexicais “especiais” e sua relação com o contato:

- A) Tipo de atividade exercida pelo *Ouro-pretano*, bem como o local de trabalho;
- B) Local onde mora, observando-se a proximidade a repúblicas;
- C) Círculo de amizades do *Ouro-pretano*, bem como os lugares que frequenta para lazer: cinema, bares, festa em repúblicas e em outros locais (clubes, associações, etc);
- D) Existência de parentes, amigos ou colegas de trabalho pertencentes ao grupo dos *Universitários*.

Segue, no quadro abaixo, o grau de contato atribuído a cada um dos *Ouro-pretanos*, após a consideração dos itens A – D acima listados.

QUADRO 2  
Grau atribuído ao contato estabelecido pelos *ouro-pretanos*

<b>Código</b>	<b>Atividade exercida</b>	<b>Grau de contato estabelecido</b>
PAVS	Farmacêutico/Comerciante	Intenso
RJB	Comerciante	Intenso
CPA	Doméstica	Intenso
MMM	Doméstica	Intenso
VCS	Acupunturista	Esporádico
RTSS	Estudante	Esporádico
WLR	Estudante	Esporádico
APFD	Balconista	Esporádico

### 3.4 – DA OBTENÇÃO DO CORPUS

O *corpus* desta pesquisa é formado por **223** dados. Além de priorizarmos uma situação de fala distensa nas entrevistas, foram, também, elaborados dois roteiros com perguntas que variavam caso o entrevistado fosse um *Ouro-pretano* ou um *Universitário*; se

fosse da G1 ou da G2, uma vez que os assuntos de interesse desses grupos variam muito. Foi importante também elaborar perguntas que envolvessem contextos nos quais o uso dos itens lexicais “especiais” fosse facilitado. Aos *Universitários* foram endereçadas perguntas que tratavam das singularidades da vida estudantil; do processo de adaptação a uma nova cidade; vida em república; relações afetivas em Ouro Preto; rotina de estudos; relacionamento com os *Ouro-pretanos*; etc. Aos *Ouro-pretanos*, perguntou-se sobre infância e adolescência; vida profissional e escolar; contato com *Universitários*; comportamento dos jovens na atualidade; vida e rotina de Ouro Preto; etc.

As entrevistas duraram, em média, 50 minutos, e foi possível deixar os informantes à vontade para falar, durante quase todo o tempo. Para contatar alguns deles, contei com a ajuda de *Ouro-pretanos e Universitários*, que fizeram o primeiro contato em meu nome.

Todas as entrevistas realizadas com os *Universitários* aconteceram em suas próprias repúblicas, acontecendo até de um segundo estudante fazer parte de uma das conversas. No caso das entrevistas com os *Ouro-pretanos*, apenas duas delas não foram realizadas em suas casas. Em nenhuma das abordagens, com *Ouro-pretanos* ou *Universitários*, a presença do gravador foi negada.

### **3.5 DAS ENTREVISTAS COM EX-ALUNOS**

Os objetivos da realização de entrevistas com ex-alunos foram: 1) verificar se os itens lexicais que figuram em seu léxico são os mesmos encontrados na fala dos *Universitários*; 2) observar se itens lexicais utilizados, enquanto estudantes, ainda figuram no léxico estudantil, e se houve alteração semântica, com o passar dos anos, em alguma forma; 3) conhecer a possível origem dos itens lexicais “especiais”. Dessa forma, oito entrevistas com ex-alunos de dez a cinquenta anos de formados foram realizadas. De caráter essencialmente informal, as conversas duraram, em média, trinta minutos, e aconteceram, em sua maioria, durante o evento no qual grande parte das repúblicas comemora seu aniversário, a Festa do Doze. Nessa ocasião, ex-alunos que moram em diversas partes do país retornam às repúblicas, com seus familiares, para lembrar os tempos de estudante, receber homenagens, conhecer os novos moradores de suas repúblicas; mantendo uma tradição iniciada, desde que as primeiras repúblicas foram criadas e tornaram-se repúblicas fixas. Nas palavras de Sardi (2000, p. 177):

Como em nenhum outro lugar no Brasil, as repúblicas de moradia estudantil de Ouro Preto são permanentes no sentido de que não se dissolvem quando um grupo de alunos conclui os estudos. Os ex-alunos, por tradição, visitam-nas, em retorno, regularmente, mesmo depois de décadas de formados (...).

Os ex-alunos são uma importante fonte de esclarecimentos sobre o léxico dos *Universitários*, pois além de terem sido prováveis usuários desse, ainda se configuram como umas das poucas vias para seu estudo, uma vez que não há muitos documentos escritos sobre esse vocabulário, tampouco trabalhos que o focaram com objeto de análise lingüística.

**CAPÍTULO 4**  
**ANÁLISE DOS DADOS**

#### 4.1 PRELIMINARES

Este trabalho adotou, primeiramente, a hipótese de que, na fala do grupo dos *Ouro-pretanos*, itens lexicais “especiais” (inovadores) e tradicionais (conservadores) estariam em variação, em decorrência do contato com o grupo dos *Universitários*, pois uma observação assistemática sinalizou a presença desses itens na fala dos *Ouro-pretanos*. Mas uma análise preliminar dos dados levantados permitiu-nos averiguar que o contato entre os dois grupos não levou a uma adoção significativa dos itens lexicais “especiais” pelos *Ouro-pretanos*. Em vista disso, dentre os pressupostos metodológicos adotados por esta pesquisa, a Teoria da Variação foi utilizada apenas no que tange à busca pela fala casual nos dados coletados. Em virtude da não ocorrência de variação, decidiu-se pela realização de uma análise qualitativa dos dados fornecidos pelos *Ouro-pretanos*. Na análise dos dados fornecidos pelos *Universitários*, foram identificados, inicialmente, todos os itens lexicais que compunham a *linguagem especial* desses. Após, reunimos as palavras em forma de glossário para depois, quantitativamente, relacionarmos seu uso à idade, gênero, período e curso do *Universitário*, além de também realizarmos uma análise qualitativa desses itens.

#### 4.2 DOS ITENS LEXICAIS “ESPECIAIS” DOS *UNIVERSITÁRIOS*

O *corpus* desse grupo é formado por **212** dados. A maioria dos itens lexicais identificados foi classificada como neologismos conceptuais, pois se apropria de um significante já existente, atribuindo-lhe uma nova conotação. Uma pequena parte deles configura-se como criações formais, pois trata-se de palavras que não constam nos dicionários formais da língua portuguesa (BIDERMAN, 2001). Os itens foram listados, adaptando o que foi sugerido por Antunes; Vianna (2006), que se basearam em modelos lexicográficos:

- 1- Escrita do vocábulo;
- 2- Informações gramaticais;
- 3- Registro de variações na pronúncia, quando houver;
- 4- Definição;

5- Exemplificação contextual;

6- Formas derivadas do item lexical;

7- Sinônimo (s).

**1. AGARRAR** v. trans. dir., v. trans. ind., v. intr. • “garrar”, “garrei” • Reprovar-se numa disciplina, perder o período. • *Cálculo I agarra muita gente; “garrei” em muitas cadeiras; eu “garrei” uns três períodos.* • **Reprovar-se.**

**2. ARRANCAR** v. trans. dir., v. intr. • “rancar”, “ranquei” • Passar em uma disciplina, ser aprovado no período. • *o problema foi “rancar” Cálculo I; eu “garrei” uns três períodos, depois arranquei.* • **Aprovar-se, Passar.**

**3. BATALHA** subst.fem. • Período de experiência pelo qual o calouro passa antes de ser ou não aceito na república. • *Minha batalha durou uns sete, oito meses; a batalha aqui é muito tranqüila.* • **Luta, Peleja.**

**4. BICHO** subst. 2 gen. • Aluno novato na república. • *às vezes o bicho não fica na casa; passa os nomes dos ex-alunos ‘pros’ bichos ‘decorar’.* • **Calouro.**

**5. BORRACHA** adj. 2 gên. • Disciplina ou prova fáceis. • *mas tem aquelas que são borracha demais; uma vez eu perdi uma cadeira muito borracha por falta.* • **Fácil, Simples.**

**6. CAMOFO (a)** subst./adj. • Homem ou mulher que se relacionam afetivamente com muitas pessoas. • *me chamou de camofa... disse que eu não prestava; mas as camofas do centro não deixam.* • camofagem, camofeiro, camofeira, camofando. • **Mulher/homem fácil.**

**7. CATAR** v. trans. dir. • Desistir de algo: república, curso, disciplina, por exemplo. • *depois de ser escolhido, ele catou a república; uma vez eu catei uma prova, quase morri de arrependimento.* • **Desistir.**

**8. COMADRE** subst. fem. • Empregada doméstica. • *A presidência é minha; eu faço as compras, pago as contas, pago a **comadre**; tudo é comigo; Quando sou presidente a primeira coisa que eu faço é pagar a **comadre**...* • **Empregada, doméstica.**

**9. DOUTOR (a)** subst. • Moradores mais velhos na república, estudantes que instruem os calouros das tarefas a serem cumpridas. • *os doutores são quem passam as tarefas pros bichos; Às vezes os doutores não ajudaram ele.* • **Veterano.**

**10. ESCOLHA** subs. fem. • Aceitação do calouro na república. • *a minha escolha foi legal; aconteceu no dia da minha escolha.* • **Seleção, Opção.**

**11. FERRAR** v. trans. dir, v. intr. • *tem gente que ferra muito, eu não ferro muito; tive que ferrar constitucional e tava doente.* • ferração, ferrador, ferradora. • **Estudar.**

**12. FINA** subs. fem. • Apostila, cópia reprográfica e anotação que contém conteúdos das aulas, cola. • *a gente descobriu muitas finas espalhadas; tem prova que só com fina mesmo pra fazer.* • finário • **Apostila, Cola (inf.).**

**13. PENSÃO** subs. fem. • República onde a organização e a amizade entre os moradores não é exemplo para outras. • *tem muita **pensão** por aí, o pessoal não é amigo direito, a casa é largada; a república que eu morava era uma **pensão**.* • pensionista • **Casa desorganizada.**

**14. PRESIDENTE** subs. 2 gên. • Estudante responsável por administrar as contas da república num determinado mês. • *O presidente não pode vacilar porque senão prejudica todo mundo; aqui em casa a presidente faz as compras do mês, divide a luz, o telefone, tudo é responsabilidade dela no mês.* • **Administrador, Governanta.**

**15. ROCK** subst. masc. • Festa, comemoração. • *Vou muito pouco nos **rocks**, não consigo acordar e subir pro campus se eu for...* • **Festa, comemoração.**

**16. ROMBUDO (a)** adjetivo. • Estudante que consegue boas notas; disciplina e professor exigentes • *a Engenharia tem matéria muito mais rombuda; por causa dos professores que são rombudos demais* • **Difícil, Exigente.**

**17. SEMI-BICHO** subst. 2 gên. • Morador da república que passou recentemente pelo processo de ‘batalha’ e que é o responsável direto por passar as instruções para calouro. Morador ainda não considerado um doutor. • *quando eu era semi-bicho fui muito mais cobrada do que quando eu era bicho; eu acho mais difícil ser semi-bicho, sua responsabilidade dobra.* • **s/correspondente**

**18. TEORIA** subst. fem. • Estado de um estudante avesso a festas, metódico. • *quando uma pessoa vive na teoria, não sai, é cheio de frescura com as coisas.* • teórico, teórica. • **Responsabilidade, Preocupação, Método.**

**19. VENTO** subst. masc. • Desarrumação dos pertences dos calouros (roupas, livros, etc) • *A gente dá o vento ou pega as roupas do bicho e espalha nas repúblicas femininas...* • **Bagunça.**

#### 4.2.1 A DISTRIBUIÇÃO DOS ITENS LEXICAIS “ESPECIAIS”

Após a identificação e descrição dos itens lexicais “especiais”, procedemos à distribuição dos principais itens lexicais, fazendo referência aos pontos abaixo:

- a) Classe morfológica à qual pertencem as palavras;
- b) Classificação de acordo com o tipo de neologismo configurado;
- c) Processo de criação lexical pelo qual passou o item.

QUADRO 3  
Distribuição dos itens lexicais “especiais” dos *universitários*

Item lexical	Classe Morfológica	Tipo de Neologismo	Processo de Formação Neológica
Agarrar	Verbo	Conceptual	X
Arrancar	Verbo	Conceptual	X
Batalha	Substantivo	Conceptual	X

Item lexical	Classe Morfológica	Tipo de Neologismo	Processo de Formação Neológica
Bicho	Substantivo	Conceptual	X
Borracha	Adjetivo	Conceptual	X
Camofa (a)	Substantivo/Adjetivo	Formal	Sigla
Camofeiro (a)	Adjetivo	Formal	Derivado de Sigla
Camofagem	Substantivo	Formal	Derivado de Sigla
Catar	Verbo	Conceptual	X
Comadre	Substantivo	Conceptual	X
Doutor (a)	Substantivo	Conceptual	X
Escolha	Substantivo	Conceptual	X
Escolhido (a)	Adjetivo	Conceptual	X
Ferração	Substantivo	Conceptual	X
Ferrador (a)	Adjetivo (a)	Conceptual	X
Ferrar	Verbo	Conceptual	X
Fina	Substantivo	Conceptual	X
Finário	Substantivo	Formal	Derivação por Sufixação
Pensão	Substantivo/Adjetivo	Conceptual	X
Pensionista	Adjetivo	Conceptual	X
Presidente	Substantivo	Conceptual	X
Rock	Substantivo	Conceptual	X
Rombudo (a)	Adjetivo	Conceptual	X
Semi - bicho	Substantivo	Formal	Derivação por Prefixação
Teoria	Substantivo	Conceptual	X
Teórico (a)	Adjetivo	Conceptual	X
Vento	Substantivo	Conceptual	X

A análise do quadro acima nos permite pontuar que:

1. A maioria dos neologismos detectados na fala dos *Universitários* é conceptual, pois se apropria de um significante já existente e muda-lhe o sentido original;
2. O vocábulo *camofa*, *semi-bicho* e *finário* são considerados neologismos formais, porque se trata de palavras não existentes na língua portuguesa. O primeiro item foi formado por meio da composição por sigla ou acronímica, e gera outras unidades léxicas, *camofagem*, *camofeiro (a)*. Os dois últimos

- lançam mão de operações derivativas, a prefixação e a sufixação, consideradas os processos léxico-dinâmicos mais produtivos da língua portuguesa;
3. O sufixo – **dor**, em ferrador (também usado no feminino), indica um agente, um responsável por determinada ação, no caso, estudar, tal como – **eiro**, que contém implícita a idéia de um agente: *camofeiro (a)*. O sufixo – **agem** deu origem a uma unidade léxica de caráter substantival: *camofagem*. Já – **ção** é um dos sufixos responsáveis por mais formações neológicas na nossa língua e formou *ferração* no léxico estudantil;
  4. As classes morfológicas mais proeminentes foram as classes do substantivo e do adjetivo;
  5. As flexões de verbos seguem os padrões de conjugação verbal: *ferrar (ferro, ferra)*; *agarrar (agarrei, agarra)*; *catar (catou, catei)*;
  6. Os nomes *camofo*, *doutor*, *ferrador*, *rombudo*, *teórico*, são biformes, pois apresentam uma forma para o masculino e uma para o feminino; *bicho*, *semi-bicho*, *presidente*, *pensionista*, apresentam apenas uma forma, sendo comuns de dois gêneros.

#### **4.2.2 ASPECTOS HISTÓRICOS E SEMÂNTICOS DE ALGUNS ITENS LEXICAIS “ESPECIAIS”**

Vejamos agora o que as entrevistas com ex-alunos e outras fontes de pesquisa elucidaram sobre a origem do léxico estudantil e seu uso no passado. Uma hipótese sobre a possível origem da palavra *camofo* pode ser levantada: por volta de 1960 – 70, parece ter sido criado um item por oficiais da Força Aérea de Barbacena. Em tom pejorativo, tal palavra na verdade era uma sigla que significava: **C**entro de **A**bastecimento de **M**ulheres para **O**ficiais da **F**orça **A**érea<sup>5</sup>.

Outra ocorrência foi detectada em São João Del Rey. Dessa vez, *camofo* e *camofa* se referiam a mulheres e homens naturais da cidade ou de Minas Gerais. No caso das

---

<sup>5</sup>Tal dado foi retirado de um pequeno dicionário de gírias feito, supostamente, por oficiais formandos em 1972, em Barbacena, disponível na home-page: [www.geocities.com/capecanaveral/launchpad/3372/dic.html](http://www.geocities.com/capecanaveral/launchpad/3372/dic.html). Acesso em 05/07/07.

mulheres, pode ser percebido certo ar jocoso, como se observa no trecho abaixo, possivelmente escrito por um estudante da época a outros colegas:

Naquele segmento de mercado, o índice camofa por macho andava entre 4 (quatro) e 5 (cinco). Recordem-se os leitores que a premissa básica que trouxe a junta a São João Del Rey foi o índice 14, veiculado em caráter confidencialíssimo pelo aluno Morresi ao modesto ensaísta<sup>6</sup>.

Essas informações levam a crer que tal palavra pode ter sido levada para Ouro Preto por estudantes naturais de Barbacena ou São João Del Rey<sup>7</sup>. As entrevistas realizadas com ex-alunos corroboram a data citada acima. Um deles, que permaneceu em Ouro Preto entre 1950 e 1955, declarou não ter conhecimento do item *camofa*; o que sugere que esse termo só passou a ser usado após 1955, sustentando a tese de que essa palavra foi criada entre a década de 1960 e 1970 e só depois levada para Ouro Preto. Já os ex-alunos com trinta e cinco anos de formatura, que viveram em Ouro Preto de 1970 – 1975, conhecem o item e fizeram uso dele. Primeiro, referindo-se às mulheres naturais da cidade; depois se estendendo aos homens, pois, aqueles que se relacionavam com as *camofas* eram taxados, então, de *camofeiros*. À medida que novos cursos foram criados e a presença de estudantes do sexo feminino se intensificou, tal item também se estendeu a elas e ganhou um valor pejorativo, que parecia não existir antes.

Se o item *Camofa* ainda não fazia parte desse léxico há cinquenta anos, outros existiram e não mais constam no léxico dos *Universitários*: *bitola*, *ferrão*, *benta*. O item *bitola*, por exemplo, significava exame final oral. Como esse tipo de avaliação não mais existe, a forma desapareceu, já que houve a perda da referência. Outra forma que desapareceu foi *benta* (apostila) e *ferrão* (aluno que estudava muito). Esta última foi, por algum motivo, substituída por *ferrador*. E, levantamos também a hipótese de que *benta* foi substituída por *фина*, já que ambas possuem, praticamente, o mesmo significado, uma vez que uma das acepções de *фина* é *apostila*, e de não ser necessária a existência de dois significantes com sentidos tão próximos, falados no mesmo grupo. Retomando Assumpção Júnior (1986), a língua se encarrega de selecionar ou rejeitar signos supérfluos, com o objetivo de se evitar problemas e viabilizar a comunicação entre os falantes.

Além de *фина*, outras formas já existentes nessa época são *ferrar*, *rombudo* e *arrancar*. Esses itens se mantiveram e não sofreram alterações semânticas ao longo do tempo;

<sup>6</sup> Trecho retirado da home-page: [www.alunos.com/textos/00938\\_13.htm](http://www.alunos.com/textos/00938_13.htm). Acesso em 05/07/07.

<sup>7</sup> Os universitários são oriundos de várias cidades de Minas e vários estados do país. E, uma vez que o Brasil comporta diversos dialetos, é provável que esses estudantes levem marcas desses falares para Ouro Preto. Assim, alguns itens lexicais, por eles utilizados, podem ter origem em uma dessas regiões. Essa questão, no entanto, não será aprofundada neste trabalho, por não constituir objeto de nossa pesquisa.

de acordo com um ex-aluno: “*ferrar* era estudar, até hoje é assim, né?”, e *rombudo* já significava matéria difícil ou professor exigente, que se originou, possivelmente, do nome de um autor de livro de geometria descritiva (Roubauldi), publicação que gerava receio nos estudantes, pela dificuldade, e por ser material de estudo básico dos cursos de Engenharia. Ao ter sua forma e pronúncia adaptadas à língua portuguesa, esse item se confronta com outro já existente na língua (*rombudo*), que possui um significado diverso nos dicionários (estúpido, rude); por esse motivo, o item *rombudo* foi classificado como um neologismo conceptual. O item *arrancar* também já existia, como se o aluno se livrasse de um grande fardo, ao passar em uma disciplina. Portanto, os depoimentos com ex-alunos com cinquenta anos de formados sinalizam que *ferrar*,  *fina* e *rombudo e arrancar* são os itens mais antigos e que ainda fazem parte do léxico dos *Universitários*.

Aqueles que possuem trinta e cinco anos de formatura usavam as formas antigas acima juntamente com *borracha*, *arrancar* e *teórico*, com a mesma conotação de hoje; mas parece que não usavam *semi-bicho* e *pensão*. Segundo um deles, a hierarquização dos moradores nas repúblicas não acontecia como hoje e nem sempre ela de fato ocorreu. A figura dos ex-alunos era a única que recebia um tratamento mais diferenciado, sem haver uma distinção tão rígida, como acontece nos dias atuais, entre moradores mais velhos e mais novos na república. Como *semi-bicho* reflete essa hierarquia, não era, então, utilizada; e a palavra *pensão* era usada no seu sentido literal, ganhando uma nova acepção somente mais tarde: “*na minha época pensão era pensão mesmo... aquela casa que alugava quartos 'pros' estudantes*”. Esse item, então, sofreu uma alteração semântica e ganhou uma conotação negativa.

Ainda, de acordo com esses ex-alunos, o item *catar* possuía um uso mais restrito do que nos dias atuais. Enquanto os estudantes daquela época o utilizavam apenas no que se referia ao contexto acadêmico, *catar uma matéria*, por exemplo, os estudantes da atualidade fazem um uso mais generalizado: *catar o período*, *catar uma cadeira*, *catar uma festa*, *catar um calouro*. E, assim como o calouro não era *catado*, ele também não era *escolhido*, porque a palavra *escolha* também não constava no léxico com essa conotação, “*o bicho ou era aceito, ou saía, ou era expulso, mas não catado ou escolhido*”, segundo um ex-aluno. Naquela época o processo de batalha era diferente dos dias de hoje, pois os calouros batalhavam vaga em várias repúblicas ao mesmo tempo, e uma delas o escolheria. Esse processo, como existe na atualidade, deve ter começado quando o número de alunos aumentou, e as vagas nas repúblicas se tornaram mais raras, obviamente. Era comum o fato de cinco calouros disputarem duas vagas, por exemplo, sendo preciso escolher, literalmente, quem ocuparia

uma vaga na república. Mas, com o passar dos anos, pelo fato de surgirem moradias alternativas às repúblicas federais, o número de vagas passou a não ser um grande problema, e normalmente sobram vagas nas repúblicas. A forma *escolha* permaneceu, ainda que o processo de seleção não se tratasse mais de uma opção entre um ou outro calouro; ou seja, ela não foi revista.

O item *doutor*, antes de ser utilizado pelos estudantes de Ouro Preto, provavelmente, já era utilizado em Coimbra<sup>8</sup>, Portugal. Segundo Machado (2003), houve, na década de 1950, um intenso intercâmbio entre os estudantes coimbrãos e os ouro-pretanos. É provável, então, que esse item lexical, assim como outros, tenham sido adotados pelos estudantes ouro-pretanos, por meio do contato com os universitários portugueses.

Interessante, também, é observar os processos de formação de algumas dessas palavras. O uso do prefixo **semi-** acontece para se referir ao estudante que já passou pela *batalha de vaga*, mas ainda é o mais novo dos moradores e responsável direto pelo calouro. Por ser a pessoa mais próxima do *bicho* e por ainda não ser considerada totalmente um *doutor*, esse prefixo pareceu razoável aos estudantes. Para Alves (1994, p. 28), “a produtividade da derivação prefixal no português contemporâneo parece-nos revelar, em muitos casos, um desejo de economia discursiva por parte do falante”. Então, o uso de prefixos pode resumir idéias, configurando-se como um meio econômico de se expressar, facilitando a rapidez na comunicação; em vez de usar um termo como “morador que ainda não é doutor” ou “bicho que acabou de ser escolhido”, tornou-se mais viável e sintético criar *semi-bicho*.

A forma *bicho* apresenta um uso mais generalizado, pois não acontece apenas entre os estudantes da UFOP. De acordo com Preti (1984), o item *bicho* surgiu inicialmente como um signo de grupo, no qual possuía uma conotação agressiva. Ao se vulgarizar, ou tornar-se uma gíria comum, evoluiu semanticamente e, na década de 70, substituía *amigo*, *colega*, *cara*, revelando um tratamento carinhoso entre interlocutores. Na atualidade, é raramente utilizado com essa conotação, mas largamente usado no contexto acadêmico brasileiro, no qual parece ter recuperado um pouco de seu caráter negativo, pois designa um estudante que ocupa uma posição inferior a seus colegas veteranos.

---

<sup>8</sup> A cidade universitária de Coimbra provavelmente inspirou a organização das repúblicas e a manutenção de suas tradições, tal como acontece em Ouro Preto. Essa universidade remonta ao século XVI, e os textos de alguns estudiosos da tradição coimbrã citam vários aspectos semelhantes entre as duas cidades e suas repúblicas. Além da questão das marcas dialetais que os *Universitários* podem ter levado a Ouro Preto; é plausível considerar que a influência coimbrã pode, também, ter contribuído para a formação do léxico estudantil ouro-pretano.

E a forma *república*, que não foi contabilizada nos dados, também possui uma história interessante. De acordo com Sardi (2000, p. 177), há pelo menos três explicações, não excludentes entre si, para a adoção da palavra, com a conotação ganhada no contexto estudantil:

A primeira se refere ao fato das organizações de moradia estudantil se considerarem soberanas, autônomas, com nenhum “outro poder acima”, res publica = coisa pública, em latim, a exemplo das soberanias de Estados. A segunda versão diz respeito ao fim da monarquia e do “Império do Brasil”. O último gabinete parlamentar imperial, encabeçado pelo Ministro Ouro Preto, recebeu a rejeição dos estudantes locais, quando de uma visita à Capital de Minas Gerais, através da expressão “república”, afixada nas fachadas das moradias estudantis. A Monarquia no Brasil foi eliminada em 15 de novembro de 1889. A terceira, segundo o professor Marco Antônio Tourinho Furtado, vice-reitor da UFOP no período de 1997 – 2000, diz respeito ao fato de que na Idade Média, nas principais cidades da Europa, as casas de moradia estudantil eram denominadas “repúblicas”.

Nas duas primeiras hipóteses, constata-se que o uso da palavra república se deu de forma a contemplar seu significante, mas atribuindo-lhe outro significado, como um neologismo conceptual. Essa forma já atingiu um uso generalizado, conhecido e utilizado não somente por pessoas que fazem parte de um contexto acadêmico específico. Nas diversas cidades onde existem universidades, a reunião de estudantes em casas é chamada de *república*, indiscriminadamente, indicando um neologismo que percorreu um caminho conhecido: figurar como forma específica de grupos, no caso de estudantes, espalhar-se por outros grupos e depois se desneologizar, passando a fazer parte dos dicionários da língua.

#### **4.2.3 TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS ESTUDANTIS**

O *corpus* estudantil é composto por **212** dados. Após o levantamento, tais dados foram contabilizados e divididos, na tabela abaixo, de acordo com a palavra mais primitiva da família: *Camofa*, que engloba *Camofa*, *camofagem*, *camofeiro*; *ferrar*, englobando *ferrador*, *ferração*; *escolha*, abrangendo *escolhido*, *escolhida*; etc. Vejamos o número de ocorrências desses itens:

TABELA 1  
Ocorrência dos itens lexicais “especiais” na fala dos *universitários*

ITEM LEXICAL	OCORRÊNCIAS	%
<b>TOTAL</b>	<b>212</b>	<b>100,00</b>
Bicho	41	19,3
Ferrar	27	12,7
Batalha	22	10,4
Escolha	17	8,0
Camofó	15	7,0
Fina	14	6,6
Semi-bicho	9	4,2
Arrancar	8	3,8
Agarrar	8	3,8
Teoria	7	3,3
Catar	7	3,3
Presidente	6	3,0
Pensão	5	2,3
Rombudo	5	2,3
Doutor	5	2,3
Rock	5	2,3
Borracha	4	2,0
Comadre	4	2,0
Vento	3	1,4

Conclui-se, a partir da tabela acima, que as formas mais significativamente utilizadas pelos *Universitários* são aquelas que dizem respeito à sua rotina escolar e de sua república e representam 50,4% dos dados, ou seja, metade das ocorrências.

Os itens mais usados, *bicho*, *ferrar*, *escolha* e *batalha*, referem-se às atividades que sempre nortearão a vida de estudante que mora em república: o estudo, em primeiro lugar; a passagem pela etapa de calouro; a aceitação do calouro na república e o acompanhamento ininterrupto de outros estudantes que chegarão à sua casa. Detectamos essas formas em todas as entrevistas e acreditamos que o item *bicho* tenha sido mais utilizado, porque todos os moradores de alguma república federal já passaram por essa etapa por alguns meses e, quando deixam de ser calouros, convivem com outros alunos novatos dentro de sua casa, os quais deverão apoiar, instruir, apresentar as práticas que garantem o funcionamento da república, não apenas em relação a aspectos estruturais, mas também àqueles que dizem respeito à boa convivência; o que acontece, principalmente, durante o período de *batalha*, outro item lexical muito freqüente, etc. A adaptação de um calouro numa república não é só de sua responsabilidade, mas de todos que o cercam.

O item *ferrar* apresenta outra particularidade: seu uso acontece mais intensamente quando o ato de estudar se circunscreve ao contexto acadêmico ouro-pretano e às pessoas que

dele já fizeram parte: *ferrar* para tal prova, *ferrar tal matéria*, “*ele tá ferrando pra concurso na cidade dele*” (informante se referindo a um ex-aluno). Quando perguntados sobre sua rotina de estudos na adolescência, por exemplo, era comum “Eu *estudava* em...” e não “Eu *ferrava* em...” Esse fato reforça a idéia de que a linguagem especial dos *Universitários* se caracteriza como um signo de grupo, pois seu uso se restringe ao grupo e, ainda, dentro de um limite definido, sendo dificultado se a referência se encontra fora dele.

Já, o item lexical *camofa*, foi recorrente quando o tópico da conversa referia-se à vida noturna, festas do dia-a-dia, carnaval ou relacionamentos afetivos em Ouro Preto. Esse item foi utilizado com um tom pejorativo em todas as ocorrências, tanto por homens quanto por mulheres; indicou também um uso generalizado, referindo-se a vários estudantes (Camofos), ao ato de se relacionar afetivamente com várias pessoas (camofagem) e adjetivando pessoas (camofa, camofeiro). Visualizemos, no gráfico abaixo, as ocorrências dos seis itens lexicais “especiais” mais freqüentes:

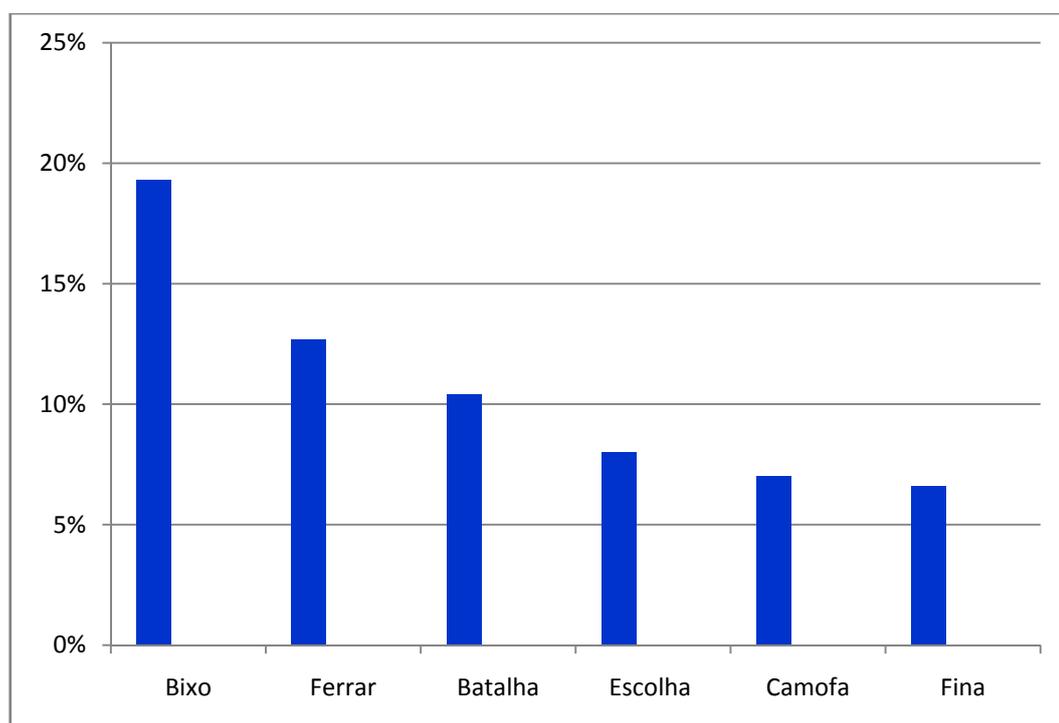


GRÁFICO 1 – Ocorrência dos itens lexicais “especiais” mais freqüentes

Além de observamos um uso mais freqüente dos itens que fazem referência à rotina escolar, vida em república e à vida social e afetiva, percebemos também que os alunos

de Engenharia foram responsáveis por mais ocorrências do que os estudantes de outros cursos, principalmente de alguns dos itens lexicais mais antigos: *fina*, *arrancar*, *rombudo*, *ferrar*. Esses *Universitários* perfazem um total de quatro informantes (metade da amostra) e os quatro restantes cursavam Farmácia, Ciências Biológicas, Direito e Filosofia. Vejamos alguns exemplos do uso de itens em relação ao curso, observando o sexto item lexical mais freqüente, *fina*:

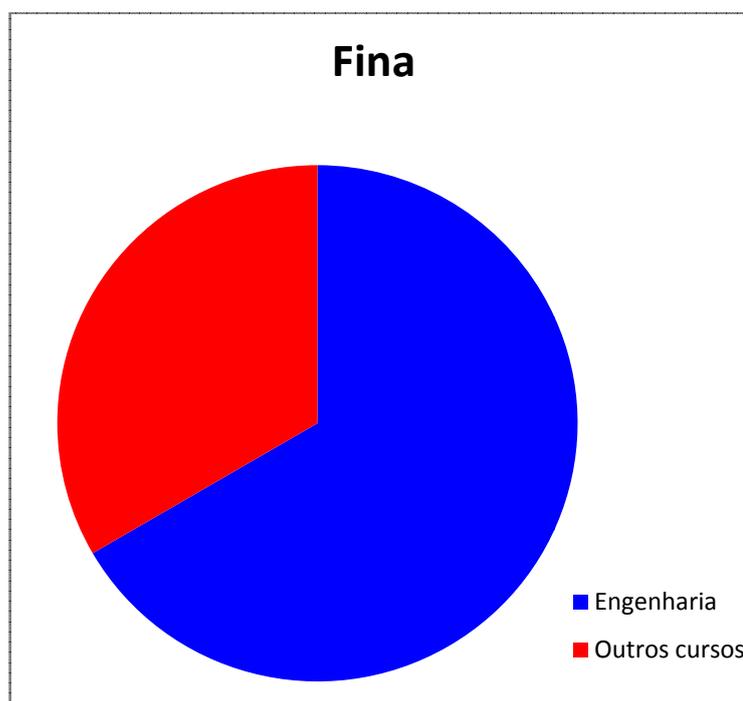


GRÁFICO 2 - Uso do item *fina* em relação ao curso do *universitário*

Os itens *arrancar*, *agarrar*, *rombudo* e *borracha* apresentam o mesmo resultado: ocorrem, por mais vezes, na fala dos *Universitários* que cursam Engenharia. E, como formam pares de antônimos, esses itens “especiais” aparecem, na maioria das vezes, em oposição dentro de um mesmo período: o item *borracha*, que apresentou quatro ocorrências no *corpus*, aparece em três estabelecendo oposição com *rombudo*; *arrancar*, num total de oito realizações, aparece em cinco estabelecendo oposição com *agarrar*. Vejamos o uso dessas formas em relação ao curso dos *Universitários*:

TABELA 2  
Uso de agarrar/arrancar/rombudo/borracha em relação ao curso

Item lexical	Engenharia	Outros cursos
	Ocorrências	
Agarrar	6/8	2/8
Arrancar	5/8	3/8
Borracha	3/4	1/4
Rombudo	3/5	2/5

Os quatro itens somam 25 ocorrências. Visualizemos a diferença de uso desses itens de acordo com o curso:

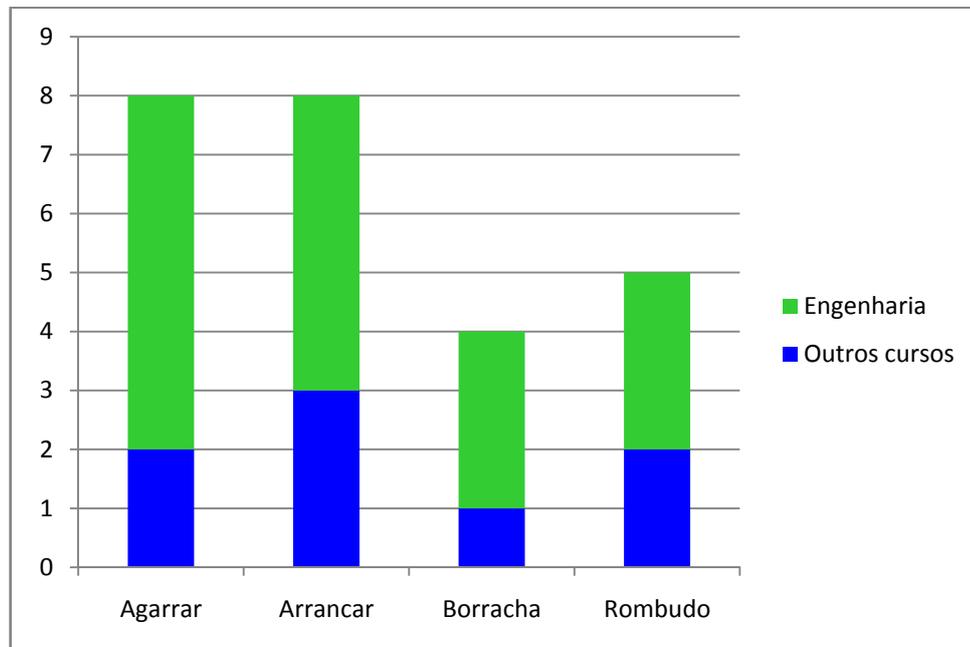


GRÁFICO 3 - Uso dos itens *agarrar/arrancar/borracha/rombudo* de acordo com o curso

Dessa forma, tem-se que os alunos de Engenharia foram responsáveis por mais ocorrências de itens lexicais “especiais”, somando um total de 62% dos dados:

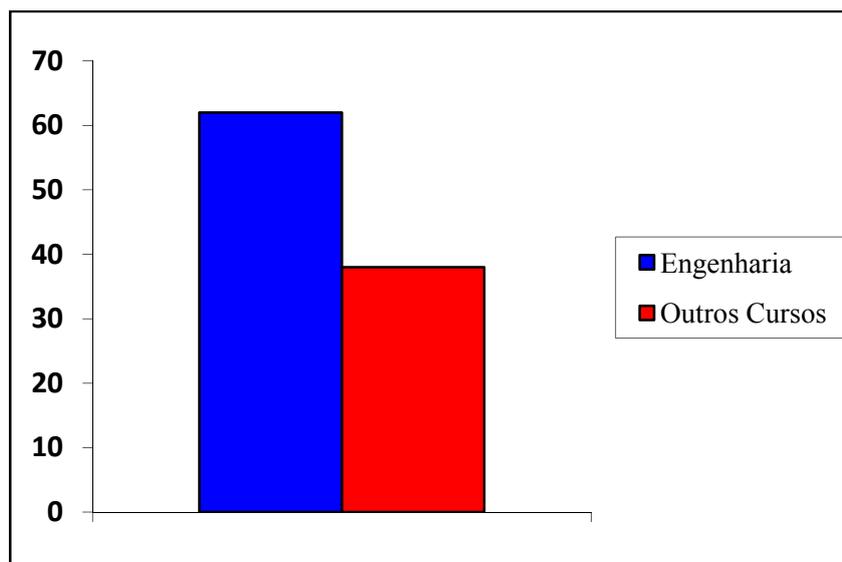


GRÁFICO 4 – Uso dos itens lexicais de acordo com o curso do *universitário*

Pode-se levantar uma hipótese, buscando explicar este resultado: o fato de os *Universitários* dos cursos de Engenharia serem responsáveis por mais realizações de itens lexicais “especiais” (inclusive por mais ocorrências dos itens mais antigos) do que os *Universitários* de outros cursos (Ciências Biológicas, Direito, Farmácia e Filosofia).

Durante muito tempo, as únicas escolas que existiam no espaço ouro-pretano eram a Escola de Farmácia e a Escola de Minas. Apesar de surgir em 1892, a Escola Livre de Direito permaneceu na cidade por apenas cinco anos, pois foi transferida para Belo Horizonte, quando da mudança da capital da província. Outros cursos só apareceram em Ouro Preto depois da criação em massa de Universidades, no país na década de 60, e a UFOP foi inaugurada em 1969, englobando o Instituto de Ciências Humanas de Mariana, que até então pertencia à Universidade Católica. Portanto, os estudantes de Engenharia e de Farmácia conviveram um longo período sem estabelecer contato com outros estudantes e uma boa parte dos itens lexicais, como exposto na seção anterior, foram criados antes mesmo da criação da UFOP, indicando que os alunos desses cursos utilizaram essas formas pioneiramente. Entretanto, as duas Escolas não possuíam vínculos, pois não faziam parte de uma mesma instituição; os estudantes de Engenharia e Farmácia não se encontravam em corredores, não faziam matérias juntos e não habitavam as mesmas casas. De acordo com um ex-aluno de Engenharia de Minas: “a Escola de Farmácia era *outra* faculdade”; relata também que os cursos de Engenharia eram mais prestigiados do que o curso de Farmácia. Machado (2007) reforça essa questão ao constar que era marcante o distanciamento entre esses estudantes, pois o ensino superior era elitizado, os cursos de Engenharia faziam parte dessa elite e havia

discriminação entre certas carreiras profissionais, como a de farmacêutico. Diz, ainda, que os estudantes das duas Escolas também eram distantes dos moradores da própria cidade. Segundo Maculan, ex-aluno da Escola de Minas, em entrevista a Machado (2007):

Uma coisa que eu achei no meu tempo é que havia um preconceito nosso contra a Escola de Farmácia. A gente achava que era um outro nível de escola, e não tinha o mesmo nível dos engenheiros. (...) Lá eu não falava fácil com eles, não freqüentava os mesmos Centros Acadêmicos e as repúblicas não eram as mesmas (...). Uma coisa que eu sempre achei é que faltou grandeza na Escola de Minas neste sentido. Sinceramente eu digo a você que é uma coisa que o estudante já vem com essa influência: "engenheiro é uma coisa, Farmácia é outra coisa". Inclusive a farmacologia é a coisa mais importante na área de biologia relacionada à área médica. O pessoal achava que farmacêutico era para ser dono de Farmácia. Não é isso. Farmácia é muito mais. Mas havia esse desprezo com a Farmácia. Eu só fui à Escola de Farmácia uma vez, quando da reunião da UEE de Minas Gerais. E foi lá que eu conheci os meus colegas da Farmácia. Nem politicamente a gente conversava com eles. É interessante. Havia a UEE em Ouro Preto. Nossa militância não tinha nada a ver com a militância deles<sup>9</sup>.

Segundo um dos ex-alunos entrevistados durante o andamento desta pesquisa:

O relacionamento dos engenheiros com os estudantes de Farmácia era ruim. O pessoal da EFOP (Farmácia) dificilmente entrava no CAEM (Centro Acadêmico da Escola de Minas), e quando entravam acabava em briga. O mesmo vale para o CAEF (Centro Acadêmico da Escola de Farmácia). Eu mesmo já fui 'barrado' lá varias...

Ainda segundo Machado (2007) e o mesmo ex-aluno citado em seu trabalho, houve também, em determinados momentos, um preconceito contra os estudantes de Farmácia pelos departamentos encarregados de designarem estudantes para a ocupação de vagas nas repúblicas:

Tinha a Casa do Estudante da Escola de Minas, que só os alunos da Escola de Minas podiam morar nas repúblicas que pertenciam a esta entidade. E tinha a Casa do Estudante<sup>10</sup> de Ouro Preto, que só tinha estudantes de Engenharia da Escola de Minas (...). Quer dizer, o estudante da Escola de Farmácia não tinha o menor direito. Na hora que ficava hegemônico, aí era um processo de escolha que se autoperpetuava.

---

<sup>9</sup> Entrevista disponível em DVD, parte integrante do projeto "Repúblicas de Ouro Preto e Mariana: trajetórias e importância".

<sup>10</sup> A Casa do Estudante foi criada em 1929, no Brasil, com o objetivo de prestar assistência aos estudantes e promover intercâmbios culturais entre eles. Essa instituição foi criada, primeiramente, em Paris, com o objetivo de auxiliar os alunos brasileiros que estudavam nessa cidade.

Esses depoimentos não deixam dúvidas quanto ao isolamento entre os estudantes de Farmácia e de Engenharia. A Escola de Minas nasceu com a missão de formar os grandes profissionais que o Brasil precisava para crescer e se desenvolver; muitos desses estudantes ocuparam cargos políticos, passaram a dirigir grandes empresas, de suma importância no cenário brasileiro, e gozavam de um prestígio que não cabia aos estudantes de Farmácia, área marginalizada, em muito, devido ao fato de o exercício da profissão não exigir diploma naquela época.

Diante da segregação que ocorreu entre os dois grupos, é improvável que esses estudantes tenham utilizado os mesmos itens lexicais “especiais”, durante o período em que a hostilidade entre os grupos era marcante, e acreditamos ser possível que os primeiros itens lexicais tenham sido criados pelos estudantes de Engenharia como um *signo de grupo*, que só identificava quem estudava na Escola de Minas. Após um tempo, esse vocabulário se espalhou pelo grupo estudantil, mas somente depois de servir, por um período, apenas aos estudantes de Engenharia.

Essa separação, acontecida há muito tempo, deixou marcas que ainda se observam nos dias de hoje. Uma vez que os estudantes de Engenharia formaram suas próprias repúblicas, ajudados pela Casa do Estudante, a Escola de Farmácia e seu Diretório Acadêmico viram a necessidade de alojar aqueles alunos que não tinham casa e buscaram recursos para fazê-lo. Assim, casas foram compradas e se fixaram como repúblicas da Escola de Farmácia; outras, a maioria, como repúblicas de Engenharia. Algumas casas ainda existem sob esse mesmo critério para aceitação de estudantes, por isso acreditamos que o convívio mais intenso entre os estudantes de Engenharia (que receberam mais casas e formaram suas repúblicas em maior número que as repúblicas de Farmácia) faz com que os itens lexicais sejam percebidos com mais frequência em sua fala, principalmente os mais antigos. É possível, ainda, justificar esse uso devido ao fato de a Escola de Minas e seus ex-alunos reforçarem a manutenção de valores e práticas, incluído o léxico, mesmo que inconscientemente. Ao nome da Escola de Minas sempre esteve vinculada à idéia de tradição, glória e poder. Os ex-alunos ocuparam cargos de suma importância no cenário brasileiro, não só nas grandes empresas privadas e estatais, mas também no campo político. Esses homens garantiam e garantem aos moradores da república das quais são ex-alunos, colocações em importantes empresas após a formatura, sendo, então, interessante aos alunos atuais preservar as tradições um dia prescritas por eles. De acordo com Sardi (2000, p. 177): “Há esforços organizativos com o propósito de manter proximidade entre formados e não formados, desenvolvendo compromissos de entrosamento na vida profissional”.

Importante é salientar que a estudante de Filosofia, por exemplo, não utilizou as formas *arrancar*, *agarrar*, *rombudo*, *borracha*, *finá*, o que reforça a hipótese levantada acima, já que os estudantes dos cursos de Humanas também foram alvo do difícil acesso às repúblicas; os alunos do curso de Direito, quando não possuíam prédio próprio, sofreram hostilidade, porque utilizaram as dependências da Escola de Minas no *campus* principal; o curso de Artes Cênicas funciona na Escola de Minas do Centro Histórico, mas sem o apoio dos estudantes dessa escola. Porém, já se observa uma abertura paulatina de vagas para estudantes de outro curso, nas repúblicas que um dia pertenceram à Escola de Minas, devido ao grande número de vagas ociosas e à pressão feita por alunos que necessitam morar em uma república onde não se paga aluguel.

No que tange ao uso de itens em relação à geração da qual faz parte o *Universitário*, não houve uma diferença significativa entre o número de ocorrências: os *Universitários* dos períodos iniciais se mostraram adaptados ao vocabulário estudantil, tanto quanto os *Universitários* que cursam os períodos finais.

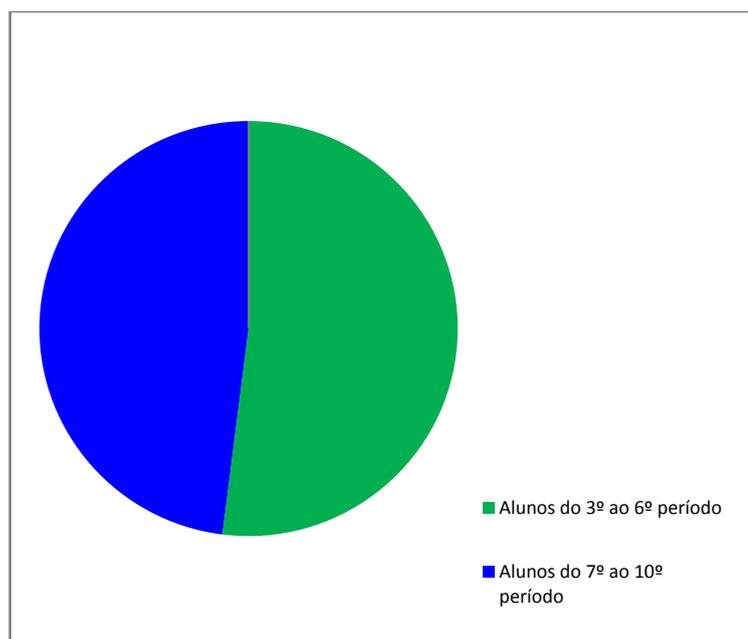


GRÁFICO 5 - Uso de itens lexicais em relação ao período cursado pelo *universitário*

Entretanto, o uso dos itens lexicais “especiais” se mostrou sensível ao gênero do *Universitário*: os homens foram responsáveis por mais ocorrências de itens lexicais do que as mulheres. Tal resultado é muito semelhante ao encontrado, quando relacionamos o número de itens com o curso do *Universitário*, uma vez que nossa amostra é composta por quatro

homens e quatro mulheres, sendo que três dos homens são estudantes de Engenharia, o que eleva o número de itens proferidos pelos homens:

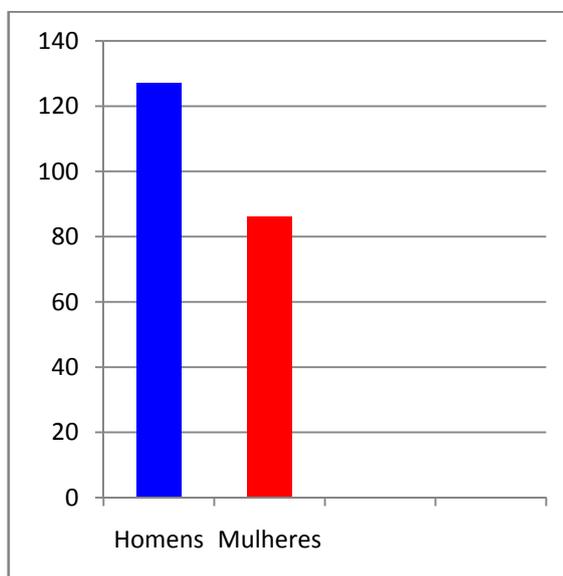


GRÁFICO 6 - Uso de itens lexicais em relação ao gênero do *universitário*

Ainda que esses itens não sejam identificados como componentes de uma variável lingüística e que este trabalho não se oriente, essencialmente, pela Teoria da Variação, tomemos o que dizem os estudiosos da Sociolingüística sobre a ocorrência de formas inovadoras e conservadoras em relação ao gênero. De acordo com Paiva (2007, p. 33), “as diferenças mais evidentes entre a fala de homens e mulheres se situam no plano lexical”. Essas diferenças se relacionam diretamente à forma de construção social dos papéis feminino e masculino e apontam para uma maior ocorrência de formas conservadoras ou variantes de prestígio na fala de mulheres. Fischer<sup>11</sup> (1958, *apud* PAIVA, 2007), analisando a variação na pronúncia do sufixo **-ing**, formador de gerúndio, verifica que a pronúncia velar, conservadora, é mais freqüente na fala feminina. Mollica, Paiva & Pinto<sup>12</sup> (1989, *apud* PAIVA, 2007) estudaram a fala carioca, mais precisamente a ocorrência de supressão variável da vibrante nos grupos consonantais (problema/pobrema, por exemplo) e constataram que os homens utilizam mais a forma extremamente estigmatizada, e as mulheres fazem uso,

<sup>11</sup> FISCHER, J. L. *Social influences on the choice of a linguistic variant*. *Word*, 1985. 14:47-56.

<sup>12</sup> MOLLICA, M. C. de M.; PAIVA, M. da C.; PINTO, I. I. Relação entre [l] → [r] e [r] → [0] em grupos consonantais em português. In: *Relatório Final do Projeto Mecanismos Funcionais do Uso Lingüístico*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989.

preferencialmente, da pronúncia padrão. Scherre<sup>13</sup> (1996, *apud* PAIVA, 2007), quando estudou a presença/ausência de concordância entre os elementos no SN, encontra o seguinte resultado: a presença de marca de plural em todos os elementos do sintagma nominal é mais recorrente entre as mulheres. A autora atribui esses resultados ao fato de as mulheres possuírem uma maior consciência do *status* social das formas lingüísticas; ao maior formalismo associado aos papéis das mulheres e ao fato de a posição feminina na sociedade ser menos assegurada do que a posição dos homens. Porém, Paiva (2007) relativiza essa questão quando cruza o fator gênero/sexo ao fator idade. Retoma o estudo de Scherre (1996), que constatou que a variação de concordância entre os elementos do SN, cujas formas conservadoras são feitas por mulheres, mas não apresenta o mesmo comportamento quando homens e mulheres estão entre 15 e 25 anos. Essa faixa etária apresentou um peso relativo idêntico para homens e mulheres: .50.

Acreditamos que tais abordagens poderiam se estender ao estudo das linguagens especiais e as atitudes dos falantes, tal como propõe Preti (1984), que diz uma boa via de estudo das linguagens especiais, seria a atitude dos falantes em relação às formas: se positiva ou negativa. Mesmo inseridos em um mesmo contexto, faculdade e república, alguns estudantes podem se opor claramente ao uso de certos itens inovadores ou simplesmente não o fazê-lo. A ocorrência de formas especiais pode apresentar uma distribuição distinta entre os falantes que estão inseridos em um grupo que adota uma linguagem como signo próprio. No caso das mulheres, o uso dos itens lexicais deve estar diretamente ligado à questão do prestígio/desprestígio que certas formas podem gozar em uma comunidade lingüística e, de acordo com Gnerre (1985), a valoração de certas variedades é igual à valoração social de seus falantes; dessa forma, as mulheres devem fazer pouco uso de formas que elas acreditam não gozarem de prestígio dentro de uma comunidade, no caso, a ouro-pretana. Concluimos, a partir da análise dos itens próprios dos *Universitários* que, mesmo estando numa mesma faixa etária, o que pode indicar uma distribuição similar de itens inovadores na fala dos *Universitários*, há uma diferença de uso em relação ao gênero do informante, indicando que as estudantes, possivelmente, enxerguem essas formas, por vezes, como estigmatizadas, pela pressão normatizadora que normalmente a mulher se submete, ou devido ao contexto em que são ditas, já que os dados foram recolhidos em uma situação de entrevista. Labov (1972)

---

<sup>13</sup> SCHERRE, M. M. P. Sobre a influência de variáveis sociais na concordância nominal. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. *Padrões Sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 239-264.

constata que a frequência de formas padrões, na fala das mulheres, está diretamente ligada ao nível de formalidade do discurso.

### 4.3 DO LÉXICO DOS *OURO-PRETANOS*

Ao todo **11** ocorrências de itens lexicais “especiais” foram identificadas na fala dos *Ouro-pretanos*. No levantamento desse *corpus*, foi detectada apenas 1 (uma) ocorrência do item *ferrar* e 10 (dez) ocorrências de *bicho*. Vejamos o contexto em que o uso do item *ferrar* aconteceu:

**Entrevistadora:** *Então você acha que as atitudes dos estudantes são por causa da idade, mas já encarou como falta de respeito?*

**Informante:** *Não, muito pelo contrário. Eu acho que eles fazem esses negócios inclusive até inocentemente. Eles não pensam na pessoa que tá dormindo. Se eles parassem e pensassem, eles iam ver que... eles paravam, eles baixavam o som, entendeu? Que é igual, por exemplo, quer ver uma coisa? Se fizesse um teste com eles? O dias que eles tivessem uma prova, tivesse que **ferrar** bastante pra fazer uma prova no dia seguinte. Nesse dia que eles tinham que passar o dia todo e a noite estudando. (...) A noite toda tocando som e não deixando ele estudar.*

Nota-se que o uso do item *ferrar* é feito uma vez, para ser imediatamente substituído por *estudar*. Tal ocorrência não pode se configurar como um caso de variação, pois verifica-se que o item lexical *ferrar* está em distribuição complementar com o item *estudar*. Interessante, também, é observar o contexto em que *ferrar* acontece. Parece que o informante fez uso desse item propositalmente, pois *ferrar* marca, na sua fala, uma mudança do tópico da conversa para o ponto de vista dos *Universitários* e, fazendo isso, usa uma forma própria do vocabulário desses estudantes.

O item *bicho* aparece na fala de quatro informantes, todos do gênero masculino. Constatou-se que os *Ouro-pretanos* da G2, que estabelecem um grau de contato intenso com os *Universitários*, fizeram uso dessa forma cinco vezes; enquanto os *Ouro-pretanos* da G1, aos quais foi atribuído um grau de contato esporádico com os *Universitários*, utilizaram-no duas vezes. Vejamos as ocorrências:

**Informante RJB – G2(40 – 45 anos) – Grau de contato intenso**

*Depois que eu comecei a entender que os **bichos**, que fala é **bicho**, como é que é **bicho** ou **bicha**. Tem **bicho**, mas tem **bicha** também né? (referindo às estudantes)*

**Informante PAVS – G2(40 – 45 anos) – Grau de contato intenso**

*Antigamente eram assim os **bichos** na república...*

*Os **bichos**, o trote era o batizado deles...*

**Informante WLR – G1 (20 – 25 anos) – Grau de contato esporádico**

*Eu acho que essa onda de **bicho** ter que fazer as coisas pro republicano...*

**Informante RTSS - G1 (20 – 25 anos) – Grau de contato esporádico**

*Vejo sempre **bicho** na rua, não assusto mais...*

Visualizemos numericamente tais ocorrências:

TABELA 3  
Uso dos itens lexicais pelos *ouro-pretanos* do gênero masculino

<b>Informante</b>	<b>Faixa etária</b>	<b>Grau de contato</b>	<b>Realizações de itens especiais</b>
PAVS	40 - 45 anos	Intenso	3/11
RJB	40 – 45 anos	Intenso	6/11
RTSS	20 – 25 anos	Esporádico	1/11
WLR	20 – 25 anos	Esporádico	1/11

Apesar de poucas ocorrências serem detectadas, podemos dizer que o grau de contato e o gênero do *Ouro-pretano* foram mais relevantes para o uso dos itens lexicais “especiais” do que a idade, contrariando o que se postula a respeito da presença de formas inovadoras, que acontece preferencialmente na fala dos informantes mais jovens (FARACO, 2005), uma vez que os homens da G2 foram os responsáveis por mais realizações de itens. E, visto que as mulheres (a duas delas foi atribuído um grau de contato intenso com os *Universitários*, porque essas informantes trabalham em repúblicas de estudantes) não fizeram uso dos itens em nenhum momento, sugere-se que essas formas, dentre outros motivos que serão arrolados na próxima seção, não devem gozar de prestígio na comunidade ouro-pretana.

Enfim, diante da pequena adoção dos itens lexicais pelos *Ouro-pretanos* e da impossibilidade de se realizar uma análise quantitativa, contrastamos, no quadro abaixo, as

formas utilizadas pelos *Universitários* e aquelas que figuram no léxico dos *Ouro-pretanos* com significado semelhante:

QUADRO 4  
Formas “especiais” dos *universitários* e sinônimos na fala dos *ouro-pretanos*

Formas utilizadas pelos <i>Universitários</i>	Formas utilizadas por <i>Ouro-pretanos</i>	Exemplificações contextuais
Agarrar, agarrado	Reprovar, reprovado	“ <i>Conheço uns estudantes aí que foram reprovados não sei quantas vezes</i> ”.
Arrancar	Passar	“... às vezes não conseguia <b>passar</b> em uma disciplina”...
Batalha	Etapa, estágio	“... parece que nesse <b>estágio</b> é que você conhece as pessoas, né”; “... tem que passar por essas <b>etapas</b> mesmo”.
Bicho	Calouro, rapaz, novato, cara, meninas	“ <i>Lá fica cheio dos rapazes novatos</i> ”; “ <i>obrigavam os caras a fazer o serviço de casa; as meninas, por exemplo, é legal botar maria-chiquinha</i> ”...
Borracha	..	..
Catar	Desistir, abrir mão	“ <i>o meu sobrinho abriu mão da república, não agüentou</i> ”; “ <i>desiste da república, né, não dá certo</i> ”.
Camofagem	..	..
Camofó (a)	..	..
Comadre	Empregada, doméstica	“ <i>Ajudei minha mãe desde pequena, só tivemos uma empregada</i> ”; “ <i>conheço muita empregada doméstica que mandada embora...</i> ”

---

Doutor (a)	Estudantes mais velhos	<i>“Os estudantes mais velhos é que inventam isso”; “aqueles mais velhos preparam as brincadeiras”...</i>
Escolha, escolhido	Aceitar, aceito	<i>“e nessa república eles vão escolher se <b>aceita</b> ou essa pessoa”...; “obrigar também a pessoa a <b>aceitar</b> aquela pessoa na república”; “então o pessoal acha que tem que fazer isso pra ser <b>aceito</b> na república”.</i>
Ferrador (a)	Estudioso	<i>“Aqui em casa, todo mundo sempre foi <b>estudioso</b>”...</i>
Ferração	Estudo	<i>“... nenhum dos dois não é muito do <b>estudo</b>...”</i>
Ferrar	Estudar	<i>“... outros parecem que <b>estudam</b> mais, formam mais rápido”; “com o menino novinho não vai dar pra <b>estudar</b>”.</i>
Fina	Cola	<i>“Acho que eu nem sabia o que era <b>cola</b>”; “acho que a <b>cola</b> na nossa época era uma coisa mais inocente”</i>
Finário	..	..
Pensão	..	..
Pensionista	..	..
Presidente	..	..
Rock	Festa	<i>“Ouço muito barulho das festas”; “tem festa sempre, né, é só ter motivo...”</i>

---

---

Rombudo (a)	Puxado (inf.), difícil	<i>“O curso é <b>puxado</b>, muito <b>puxado</b>, mas nunca fui muito bitolado”; “aquelas matérias mais <b>difíceis</b>...”</i>
Semi – bicho	..	..
Teoria	..	..
Teórico (a)	..	..
Vento	Trote	<i>“Passo na rua Paraná e vejo direto aquele trote de espalhar roupa; esse trote é até engraçado...”</i>

---

#### 4.4 SOBRE O LÉXICO DOS GRUPOS EM FACE DO CONTATO

Não foram detectados itens lexicais próprios dos *Universitários* na fala dos *Ouro-pretanos*. Os dados revelaram apenas a ocorrência de formas, que se configuram como sinônimos das formas lexicais “especiais” e, dos fatores arrolados, apenas o grau de contato e o gênero masculino foram significativos para a adoção de itens lexicais “especiais”. Em outras palavras, a situação de contato entre o grupo dos *Ouro-pretanos* e o grupo dos *Universitários* não levou à ocorrência de variação, mas de convivência dos itens lexicais “especiais” e das formas léxicas tradicionais dos *Ouro-pretanos*, mantendo, cada uma delas, seus limites e fronteiras. Porém, salientamos que um dos *Ouro-pretanos* fez uso do item *republicano* dezenove vezes, ou seja, na maioria das vezes em que se refere aos *Universitários*, a forma *republicano* foi usada, e tal item não foi detectado na fala dos *Universitários*.

No caso dos *Universitários*, observamos que a criatividade e a necessidade de novos termos em vista da ocorrência de novas realidades foram preponderantes para a criação

dessa linguagem especial e esses novos termos surgiram, sobretudo, diante das novas práticas que a vida em república apresentou para esses estudantes.

Retomando a fala dos *Ouro-pretanos*, há de se considerar que o contato pode não gerar interferências da fala de um grupo na fala de outro grupo, se não existe interesse ou necessidade de pelo menos um deles; e se há também certo grau de hostilidade e ressentimento entre esses grupos. As línguas *pidgins*, por exemplo, ilustram o caso no qual há necessidades comerciais e econômicas, por isso a ocorrência de mescla lingüística e de criação de um língua emergencial. De acordo com Tarallo & Alkmim (1987, p. 76): “se existe um impasse comunicativo, cria-se um estado de urgência e de emergências lingüísticas”. Ainda, “o contato entre comunidades que falam duas línguas nasce, normalmente, a partir das necessidades e interesses de grupos, que podem ser, por exemplo, a urgência em se estabelecer relações comerciais e econômicas” (TARALLO & ALKIMIN, 1987, p. 82). E um exemplo que ilustra a questão da hostilidade e ressentimento foi dado por Labov (1963), em seu famoso estudo na ilha de Martha’s Vyneard, lugar que sofreu grandes transformações sociais em virtude da invasão de veranistas. O autor observou que a reação de certos grupos à presença de formas inovadoras pode ser negativa, em virtude de essas se configurarem, com frequência, como formas não-padrão e estigmatizadas. Percebeu ainda que a adoção ou retenção de formas servem como armas para determinadas comunidades marcarem sua diferença em relação a falantes que pertencem a outras regiões, por exemplo. Seu estudo *The Social Motivation of a Sound Change* exemplifica essa questão: os moradores da ilha de Martha’s Vineyard (na costa do estado de Massachusetts), composta, em sua maioria, por agricultores e pescadores, ressentiram-se com a invasão crescente de turistas que lá passavam o verão, interferindo nos hábitos, práticas e padrões dessa comunidade. Esses moradores, numa tentativa de marcar a identidade daqueles que habitavam a ilha, intensificaram um processo de centralização da base /ay/ e /aw/; esta última, ainda inédita, foi percebida em vários graus. Esse fenômeno estava correlacionado diretamente com uma posição positiva em relação à ilha, enquanto aqueles que não desejavam permanecer nela, centralizavam menos do que os outros que lá desejavam permanecer. Assim, munidos de uma arma puramente lingüística, esperavam demarcar seu espaço, sua identidade cultural e, o mais importante, o perfil de grupo separado (TARALLO, 1990).

Acreditamos que uma situação parecida pode ocorrer em Ouro Preto. Os *Ouro-pretanos*, por terem seu espaço “invadido” por forasteiros, que provavelmente ficarão na cidade por um período não muito maior que cinco anos e que interferem sobremaneira em questões sociais e culturais, podem apresentar um comportamento parecido com o da

população de Martha's Vyneard, no momento em que não adotam em sua fala os itens lexicais dos *Universitários*, mantendo um limite definido entre os grupos. De acordo com Andreatta (2006), a dificuldade de os *Ouro-pretanos* ingressarem na UFOP é atribuída, por muitos, à invasão estudantil e não ao poder público que não oferece subsídios para uma educação de qualidade:

... o circuito máximo comum é até Mariana, para o comércio mais barato (...), em BH para saúde ou estudo, para Lafaiete para estudar em faculdades particulares, sendo Ouro Preto um pólo estudantil de grande qualidade 'mas não há lugar para eles', ou melhor, há pouco lugar para eles (**moradores de Ouro Preto**) (...) a maioria dos jovens nativos se espalha pelas faculdades particulares em volta enquanto todo o Brasil e o estrangeiro se apossam de Ouro Preto, ou promovem sua falência quando das greves enormes" (ANDREATTA, 2006, p. 16).

Andreatta faz essas considerações, baseada no já citado estudo encomendado pela Arquidiocese de Mariana ao NEASPOC, que resultou no Mapa de Exclusão Social de Ouro Preto e Mariana. Em tal mapa, constata-se, dentre outros aspectos, a dificuldade da população ouro-pretana no acesso à UFOP. Tal constatação, além de outras que serão abordadas nos depoimentos abaixo, parece contribuir para a existência de um ressentimento dos *Ouro-pretanos* em relação aos *Universitários*, que gozam de um maior poder econômico; compõem a grande massa dos universitários que estudam na UFOP e são tidos como "forasteiros", pessoas que após realizarem seus estudos, deixam a cidade, muitas vezes, para não voltarem mais; além de outras questões que afetam o dia-a-dia de Ouro Preto, como as reuniões festivas em repúblicas; o volume de som acima do normal; a promoção de grandes festas, como o Carnaval, que já é conhecido mundialmente pelo movimento das repúblicas; além de outros eventos do calendário ouro-pretano, etc. É importante considerar também que, nos primórdios da Escola de Minas, aos *Universitários* era atribuída uma importância e um *status*, que poderia fazer com que os *Ouro-pretanos* se sentissem diminuídos ou excluídos; mas os *Ouro-pretanos*, ainda assim, admiravam-nos e o que suas carreiras representavam. Porém, de acordo com Machado (2003), essa admiração começou a diminuir acentuadamente em 1980, quando o número avultoso de *Universitários* presentes na cidade começa a mudar a rotina de Ouro Preto, e a relação com os *Ouro-pretanos* começa a mudar, pois os últimos viram mudanças no perfil dos primeiros. Também, de acordo com Sardi (2000, p. 175):

É opinião corrente que o contexto educacional de Ouro Preto é único no Brasil. As possibilidades de exacerbar o prazer para a juventude estudantil presente em Ouro Preto encontram-se amplamente relatadas na mídia nacional.

Fundamentalmente se trata de uma somatória de eventos, estratégias de divertimento, festividades, modos de convivência e atitudes, planejadas e deliberadas pelos estudantes, tendentes à exacerbação do prazer.

Ainda sobre perfil dos *Universitários*, consideremos depoimentos atuais dos próprios alunos, em estudo feito pelo estudioso supracitado:

- a) *“É verdade que em Ouro Preto os estudantes têm uma vida muito agitada, com inúmeras festas... durante o período de aulas é comum alunos que não vêm às aulas por terem ficado até tarde em festas”.*
- b) *“... observo muito em Ouro Preto é que a vida de um estudante de república é muito complicada... Há muitas festas, som alto, etc... coisas que para quem gosta é difícil ficar de fora”.*
- c) *“Conciliar a vida estudantil com o exercício do prazer em Ouro Preto não é uma tarefa muito fácil. As opções de festa e divertimento são muitas e não raramente acontecem durante a semana”...*

Vejamos alguns fragmentos retirados das entrevistas realizadas com os *Ouro-pretanos*:

- 1) *“Eu acho que a Universidade dá mais oportunidade ‘pros’ que vem de fora, o pessoal daqui... tem alguma coisa que não sei explicar... não consegue passar no vestibular*
- 2) *“Só o pessoal daqui não gosta muito dos estudantes, né, das bagunças [...] não gosta por causa dos barulhos*
- 3) *“Ah... eu costumava conversar com alguns (estudantes), a gente até que conversava, mas a maioria assim, igual muita gente desconfiava muito”*
- 4) *“Ninguém conseguia explicar (**referindo-se ao distanciamento entre estudantes e ouro-pretanos**), era uma coisa assim, ninguém conseguia explicar”*
- 5) *“Eu aprendo, aprendo também muita coisa, pior que é mesmo (**sobre trabalhar em república**). Porque é muita coisa que você escuta, você acha que não é nada daquilo, num é nada daquilo que você tava imaginando, entendeu? Não é nada daquilo que o povo fica achando”*

- 6) *“Ah... lá (referindo-se a uma boate administrada por universitários) tem muito pessoal de universidade, de república, não gostava muito não... é... o pessoal que eu saí na época não gostava muito não de ir lá não”*
- 7) *“Eu acho que sim, eu acho que tem mágoa (os ouro-pretanos)... vê que os outros tão crescendo, sabem mais, assim, não vê que os outros também lutaram pra chegar lá”*
- 8) *“Ouro Preto não é pra mim, não. Não é por ser uma cidade histórica, aquilo e aquilo outro, e também os republicanos já tomaram mais da metade de Ouro Preto, então não tem como batalhar, a gente vota em prefeito porque o reitor não candidata à prefeitura, porque já toma conta da faculdade”*

Enfim, a análise de dados nos leva a inferir que não só a falta de interesse e necessidade foi determinante na não adoção dos itens lexicais “especiais” pelos *Ouro-pretanos*. Acreditamos que tal fato acontece devido ao ressentimento e certa hostilidade de um grupo (dos *Ouro-pretanos*) em relação a outro (dos *Universitários*). Conclui-se que a língua pode ser um fator extremamente importante na identificação de grupos e também configurar-se numa possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio da comunidade; diferenças essas que podem ajudar na implementação de uma mudança, ou simplesmente fazer com que inovações nunca venham a fazer parte da língua de certo grupo, que preferirá reter certos hábitos, em favor de formas conservadoras, corroborando que nem toda situação de contato implica a adoção de traços de um grupo por outro grupo. Assim, da mesma forma que a proximidade de grupos pode levar a variação e à mudança, uma situação de contato pode não ser suficiente para levar a modificações na língua de um grupo.

**CAPÍTULO 5**  
**CONCLUSÕES**

O estudo da fala dos *Ouro-pretanos* não revelou a presença de itens lexicais próprios dos *Universitários*; assim, pode-se dizer que, na comunidade de Ouro Preto, convivem dois grupos de falantes, que se distinguem pelo uso de itens lexicais.

Embora, com as repúblicas estudantis, espalhadas por toda a área central da cidade e arredores do *campus* principal da UFOP (não se isolando, portanto, do convívio com a população domiciliada em Ouro Preto), esses dois grupos – dos *Ouro-pretanos* e dos *Universitários* – mantenham uma situação de contato, desde a criação da Escola de Farmácia e da Escola de Minas (o que remonta ao século XIX), cada um resguarda suas particularidades: os *Ouro-pretanos*, além de serem naturais dessa cidade, vivem, trabalham, possuem laços familiares e ali permanecem por muitos anos ou por toda a vida – o que se verifica, também, com aqueles que, mesmo não naturais da cidade, adotaram-na e nela se domiciliaram, diferentemente da grande maioria dos *Universitários*, que reside na cidade apenas durante o tempo de curso na UFOP (por cinco anos, de modo geral).

No estudo acima mencionado, foi assumida a hipótese de que poderia estar ocorrendo uma mudança no léxico dos *Ouro-pretanos*, em virtude do contato com os *Universitários*, já que o léxico, como é fartamente documentado na literatura, é o componente da língua mais aberto a mudanças, por acompanhar com facilidade a evolução das relações humanas. Em função dessa hipótese, foi analisado um *corpus* constituído de 223 dados de fala, obtidos através de entrevistas gravadas com *Ouro-pretanos*, *Universitários* e ex-alunos da UFOP, atribuindo-se, a cada *Ouro-pretano*, um grau de contato (esporádico ou intenso) estabelecido com os *Universitários*. Essa análise teve como objetivos:

- 1) inventariar os itens lexicais próprios dos *Universitários*;
- 2) observar, na fala dos *Ouro-pretanos*, se houve adoção dessas formas;
- 3) verificar, nas entrevistas com ex-alunos, se as formas utilizadas no passado coincidem com as formas atuais (além de conhecer, na medida do possível, a origem de alguns itens lexicais).

Os dados foram submetidos a uma análise qualitativa, preliminar, cujos resultados revelaram que os *Ouro-pretanos* com grau de contato **intenso**, do gênero masculino e idade entre 40 e 45 anos, foram os responsáveis pela maioria das realizações dos itens lexicais próprios dos *Universitários*; os falantes do gênero feminino, mesmo aqueles que estabelecem contato **intenso** com os *Universitários*, não utilizaram tais itens. Mas essa análise mostrou que a fala dos *Universitários* não exerce influência significativa sobre a fala dos *Ouro-pretanos* e, inclusive, apontou como inviável a realização de um tratamento quantitativo de todo o *corpus*; ou seja: das entrevistas com os *Ouro-pretanos*, foram extraídos apenas 11

(onze) dados, registrando a ocorrência de, apenas, dois itens lexicais próprios dos *Universitários*: *bicho* e *ferrar* (e, das 11 ocorrências, 10 (dez) são da forma *bicho*).

De acordo com esses resultados, pode-se afirmar que os itens lexicais próprios dos *Universitários* constituem uma marca distintiva desse grupo, no presente trabalho, considerada, um *signo de grupo* (e, não, gíria). A razão para isso é que as gírias, além de utilizadas como marca de grupo específico, são expressivas, mas se desgastam com facilidade, sendo efêmeras, ou passam a ser adotadas por outros falantes, tornando-se um vocabulário comum, de uso vulgarizado. No que diz respeito à linguagem dos *Universitários*, aqui examinada, a sua especificidade lexical não foi adotada por outros grupos e, além disso, não é efêmera, o que pôde ser comprovado por meio de entrevistas com ex-alunos. Parece que contribuem com a longa vida desse léxico a estrutura das repúblicas e as tradições prescritas por outros estudantes (hoje ex-alunos), no passado. E, uma vez que os itens criados há muitos anos não foram adotados por outros grupos, não houve, então, a necessidade de renová-los, pois essas formas ainda servem como marca, que distinguem os *Universitários* dos *Ouro-pretanos*.

A análise mostrou também que:

(1) a maioria dos itens lexicais listados classifica-se como neologismo conceptual; corroborando o que diz a literatura, que prevê que o aproveitamento de um significante e a mudança de seu significado é a maneira mais fácil de criar-se um neologismo;

(2) os itens lexicais “especiais” mais usados pelos *Universitários* foram aqueles que se referem à sua rotina escolar e a seu cotidiano na república: *bicho*, *ferrar*, *batalha e escolha* e à vida social e afetiva, *camofa*;

(3) os estudantes de Engenharia usam, com uma frequência mais alta do que os estudantes de outros cursos, os itens lexicais “especiais” – principalmente as formas mais antigas como  *fina*, *arrancar*, *rombudo* e *ferrar*.

Diante desses fatos, levantamos a hipótese de que esses itens foram criados a fim de constituírem característica de manutenção de valores e tradições antigos e, ainda, como forma de diferenciar os estudantes da Escola de Minas, dos estudantes da Escola de Farmácia, pois certos itens, principalmente os mais antigos, podem ser observados com mais frequência na fala dos primeiros.

Cabe, ainda, ressaltar que o uso de itens lexicais “especiais” foi sensível ao gênero dos *Universitários*, indicando que os homens como responsáveis por mais ocorrências do que as mulheres. Acreditamos que isso acontece, porque as formas estudantis não gozam de prestígio na comunidade ouro-pretana, e a mulher, em geral, ainda sofre mais a pressão

normatizadora da língua, de modo que prefere não fazer uso de formas inovadoras que não denotam prestígio.

Esses resultados permitem, então, afirmar que o presente trabalho, ao buscar contribuir para o conhecimento da língua portuguesa falada no Brasil (especificamente na cidade de Ouro Preto/MG), registra um fato relevante para os estudos lingüísticos: os *Ouro-pretanos* não exibem, em sua fala, os itens lexicais usados pelos *Universitários*; tal fato constitui evidência de que nem sempre o contato entre grupos gera interferências da fala de um grupo na fala do outro, implicando casos de variação e/ou mudança lingüística.

## REFERÊNCIAS

AJAYI, Tayo Julius. *Empréstimo e variação interlingüística: o iorubá em contato com o português no Brasil*. 2002. 424 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

ALKMIN, Tânia Maria. Sociolingüística parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.

ALKMIM, Mônica. *As Negativas sentenciais no dialeto mineiro: uma abordagem variacionista*. 2001. 267 f. Tese (Doutorado em Lingüística)-Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994. 93 p.

ANDREATTA, Graça. *O jardim dos girassóis*. Mariana: Dom Viçoso, 2006. 95 p.

ANDROUTSOPOULOS, Jannis K. Extending the concept of the (socio) linguistic variable to slang. In: *What is slang?* Hungarian: Kossuth Lajos University Press, 2000. p. 109-140.

ANTUNES, Carolina; VIANA, Marlene Machado Zica. O dialeto rural não é mais aquele... In: SEABRA, Maria Cândida Trindade de (org). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2006. p. 217-234.

ASSUMPÇÃO JÚNIOR, A. P. *Dinâmica léxica portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1986. 157 p.

BALDINGER, K. Semasiologia e Onomasiologia. In: *Alfa*, Marília, n. 9, p. 7-36, março, 1966.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade: processos de neologismo*. São Paulo: Global, 1991.

BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999. 94 p.

BASTOS, Paulo. E aí?... Beleza?: *a TV por detrás da gíria*. 2002. 156 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística)-Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

BENVENISTE, Emile. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 1989. 294 p.

BIDERMAN, Maria Tereza. *Teoria lingüística: teoria lexical e lingüística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 277 p.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolingüística Parte II. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 57 – 75.

CARVALHO, Nelly. *O que é neologismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984. 76 p.

CARVALHO, Jose Murilo de. *A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória*. 2. ed. rev. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. 219 p.

CASTILHO, Ataliba; PRETI, Dino (org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo – materiais para seu estudo*. São Paulo: T.A Queiroz, 1986. 1 v.

CASTRO, Amílcar Ferreira de. *A gíria dos estudantes de Coimbra*. Coimbra: Faculdade de Letras, 1947, 199 p.

Cerqueira, Adriano. Mapa de Exclusão Social de Mariana e Ouro Preto. **NEASPOC**, Mariana, 2003. Disponível em: <<http://www.neaspoc.cjb.net>>. Acesso em: 05 jan. 2007.

\_\_\_\_\_; Faversoni, Fábio. Pesquisa com estudantes da UFOP. **NEASPOC**, Mariana, 2000. Disponível em: <[http://www.geocities.com/neaspoc\\_ufop/discente.html](http://www.geocities.com/neaspoc_ufop/discente.html)>. Acesso em: 05 jan. 2007.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance*. Oxford/ Cambridge: Blackwell, 1995. 284 p.

COELHO, Maria do Socorro. Uma abordagem variacionista do uso da forma você no norte de Minas. 1999. 85 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

COUTO, Hildo Honório do. *Contato interlingüístico: da interação à gramática*. Brasília: Depto de Linguística, UNB, 1999.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica*. São Paulo: Ática, 2005. 214 p.

FERRAZ, Aderlande Pereira. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade de. *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2006. p. 217- 234.

FERREIRA, A. B. H.; ANJOS, M.; FERREIRA, M. B. (org). *Novo Aurélio Século XX: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FISCHER, J. L. *Social influences on the choice of a linguistic variant*. Word, 1985. 14:47-56.  
MOLLICA, M. C. de M.; PAIVA, M. da C.; PINTO, I. I. Relação entre [l] → [r] e [r] → [0] em grupos consonantais em português. In: *Relatório Final do Projeto Mecanismos Funcionais do Uso Lingüístico*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989.

FRIAS, Aníbal. A Universidade e as *Repúblicas* de estudantes: o caso de Coimbra, Portugal. In: MACHADO, Otávio Luiz; ZAIDAN FILHO, M. (org). *Movimento estudantil brasileiro e a educação superior*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2007. p. 139 – 169.

GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes. 91 p.

GURGEL, J. B. S. *Dicionário de gíria: Modismo Lingüístico, o equipamento falado do brasileiro*. São Paulo: Independente, 2000. 471 p.

ILARI, Rodolfo. *Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras*. São Paulo: Contexto, 2003. 201 p.

LABOV, William. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. 344 p.

\_\_\_\_\_. *Principles of Linguistic Change*. Oxford: Blackwell, 1994. 2 v.

LIGHTFOOT, D. *How to set parameters: arguments from language change*. Cambridge: MIT Press, 1991. 214 p.

MACHADO, Otávio Luiz. As repúblicas estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 66, p. 197-199, Out. 2003.

\_\_\_\_\_. As repúblicas e a expansão da educação superior: o caso da UFOP. *Jornal da UFOP*, Ouro Preto, n. 164, p.11, maio/jul. 2004.

\_\_\_\_\_. Casas de Estudantes e Educação Superior no Brasil: Aspectos Sociais e Históricos. In: MACHADO, Otávio Luiz; ZAIDAN FILHO, M. (Org). *Movimento estudantil brasileiro e a educação superior*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2007. p. 191 – 208.

MATEUS, Maria Helena. A mudança da língua no tempo e no espaço. In: MATEUS & BACELAR (Org.). *A Língua Portuguesa em Mudança*. Lisboa: Caminho, 2004. p. 13 – 30. Disponível em: <<http://www.iltec.pt/eng/handler.php?action=artigos&book=120>>. Acesso em: 23 mar. 2007.

MARTINET, André. *A Lingüística Sincrônica: estudos e pesquisas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971. 180 p.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Klincksieck, 1926. 1 v.

MILROY, Lesley. *Language and social networks*. 2. ed. Oxford: B. Blackwell, 1987. 232 p.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000. 168 p.

NARO, A. J. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, M. C; BRAGA, M. *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 43-50.

NASCENTES, Antenor. *A gíria brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1953. 181 p.

NICOLAU, Eunice. *A ausência de concordância verbal em português*. 1984. 79 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística)–Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1984.

OLIVEIRA, Ana Maria Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (org). *As ciências do léxico*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001. 268 p.

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 33-42.

PILLA, Éda Heloisa. *Os neologismos do português e a face social da língua*. Porto Alegre: AGE, 2002, 103 p.

PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: USP, 1984. 113 p.

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. 9 ed. São Paulo: Cultrix, 1916.

SEABRA, Maria Cândida. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais*. 2004. 368 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SARDI, Jaime Antônio. Estratégias de auto-regulação desenvolvidas por estudantes *Universitários* em ambiente de exacerbação do prazer. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v. 9, n.15, p. 175-198, jan./jun. 2000.

SCHERRE, M. M. P. Sobre a influência de variáveis sociais na concordância nominal. In: OLIVEIRA e SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. *Padrões Sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 239-264.

SILVA, G. M. O. Coleta de dados. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p.117-134.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolingüística*. 3ª. ed. São Paulo: Ática, 1990. 95 p.

\_\_\_\_\_. & ALKMIN, Tania. *Falares Crioulos: línguas em contato*. São Paulo: Ática, 1987. 142 p.

\_\_\_\_\_. *Tempos Lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990. 208 p.

THOMASON S. G.; KAUFMAN, T. *Language Contact, Creolization and Genetic Linguistics*. Berkeley, Los Angeles, Oxford: University of California Press, 1991. 411 p.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006. 151 p. Título original: *Empirical foundations for a theory of linguistic change*.

## **ANEXO**

### **Corpus Estudantil (por ordem alfabética de itens lexicais “especiais”)**

#### **AGARRAR**

“**Garrei**” em muitas cadeiras, viu? Tô aqui até hoje precisando formar (risos)...

... Cálculo I **agarra** muita gente.

Eu “**garrei**” uns três períodos, depois “**ranquei**”.

Conheço uns caras que ficaram “**garrados**” muito tempo. Depois a faculdade apertou esse povo aí, um tanto de gente que foi desligada e tem o jubilamento também, né?

... tive dificuldade pra arrancar algumas de educação, não é minha praia, “**garrei**” em duas já.

... arrancar, cê arranca sim, mas se vacilar com falta e **agarrar**, esse professor não perdoa, não. Tenho um colega que ia arrancar com um notão, só que “**garrou**” por frequência, uai.

... a mais “**garrada**” daqui é a C\* (risos), quando ela vê que não dá conta de “**rancar**”, tranca; se não tiver jeito, cata por falta (risos).

#### **ARRANCAR**

Eu “**garrei**” uns três períodos, depois “**ranquei**”...

Até que eu consegui passar no vestibular de primeira, o problema foi “**rancar**” Cálculo I...

No primeiro período “**ranquei**” todas com praticamente seis mesmo. Eu batalhava vaga, perdi muita aula.

Eu pensei assim: eu posso até perder essa cadeira, mas **arranco** esse negócio depois, eu vou me esforçar.

Tenho um colega que ia **arrancar** com um notão, só que “**garrou**” por frequência, uai.

... a mais “**garrada**” daqui é a A\*, (risos), quando ela vê que não dá conta de “**rancar**”, cata por falta (risos)

... tive dificuldade pra **arrancar** algumas de educação, não é minha praia, “**garrei**” em duas já.

... cê pode até **arrancar** com nota, mas se vacilar com falta e **agarrar**, esse professor não perdoa, não.

#### **BATALHA**

... muito bicho, depois de ser catado, desiste de **batalhar**... não anima mais, aí aluga um quarto... sei lá

... Eu achei que fosse **batalhar** vaga uns cem anos (risos) ... foi muito difícil pra mim, não sabia fazer nada, né?

Minha **batalha** durou uns sete, oito meses...

... mas a **batalha** aqui é tranqüila

Eu não concordo com essa **batalha** que tem em algumas repúblicas... o bicho às vezes **batalha** um bom tempo, não é escolhido e ninguém diz por quê.

Eu não queria **batalhar**, não. Mas não tinha dinheiro pra morar sozinha.

Entre o tempo de **batalha** e escolha ‘foi’ uns seis meses mesmo, pouco mais de um período.

No primeiro período “ranquei” todas com praticamente seis mesmo. Eu **batalhava** vaga, perdi muita aula.

Eu não sabia da **batalha** quando vim pra cá, não. As meninas daqui, todas sabiam que teriam que **batalhar** pra ficar.

Todo dia abre uma pensão por aí, os bichos têm que **batalhar**, mas pagam aluguel, então eles não tinham que fazer isso.

Eu concordo com tudo isso: **batalha**, ter bicho e o semi-bicho, depois cê fica mais tranqüilo e os mais novos trabalham mais.

**Batalhar** vaga hoje é muito mais fácil; esses bichos aí não fazem metade do que eu fiz e ainda não são escolhidos; é um povo ruim de serviço demais...

Eu não queria **batalhar** de jeito nenhum; meus pais também não... Eles achavam que eu ia ser muito judiado se fosse bicho (risos)

Ó, tem que ter escolha sim. E se a pessoa não for legal, não gostar da casa? Tem que passar pela **batalha** primeiro, depois a escolha...

**Batalhei** em uma particular, mas não tive dinheiro pra pagar todas as contas; aí vim pra cá...

Sou outra pessoa, viu? Antes de **batalhar** não cozinhava, não tinha que preocupar com os outros, sei lá... é tanta coisa...

Durante a **batalha** tem o vento. A gente desarruma as coisas do bicho se ele fizer alguma bobagem...

Um ex-aluno me disse uma vez que na **batalha** é quando a faz mais amizade, e é mesmo. A gente vai num tanto de república, conhece todo mundo...

Nossa, eu não **batalharia** de novo, não; com certeza não... não dou conta...

Ele achou que **batalhar** fosse lavar copo; cuidar do cachorro...

## **BICHO**

os **bichos** são os mais “ferrador”... chegam empolgados, fazem um tanto de coisa ao mesmo tempo... têm pique...

... no dia que fui escolhido, primeiro me falaram que eu não ia ficar, depois, à noite, teve uma festa e eu “ralando” até... eu era o único **bicho**... mas aí me falaram que eu tinha sido escolhido... “nó”... foi um alívio...

... muito **bicho**, depois de ser catado, desiste de batalhar... não anima mais, aí aluga um quarto... sei lá

os doutores são quem passam as tarefas pros **bichos**, o que que tem que fazer, como faz, passa os nomes dos ex-alunos pros **bichos** decorar... passa tudo, né? Fica difícil pro **bicho** se não tiver ajuda...

... às vezes o **bicho** não fica na casa, né... pode nem ser culpa dele, sabe?

...fui muito mais cobrada do que quando eu era **bicho**...

Passa os nomes dos ex-alunos pros **bichos** decorar

Quando o **bicho** é escolhido, ele vira um semi-bicho, ainda não é bem um doutor, né?

Todo dia abre uma pensão por aí, os **bichos** têm que batalhar, mas pagam aluguel, então eles não tinham que fazer isso.

Eu não concordo com essa batalha que tem em algumas repúblicas... o **bicho** às vezes batalha um bom tempo, não é escolhido e ninguém diz por que.

Eu ainda sou o semi-bicho, passaram uns **bichos** por aqui e não foram escolhidos.

É isso mesmo, o semi-bicho tem uma responsabilidade maior, porque tá mais próximo do **bicho**.

Eu não queria batalhar de jeito nenhum; meus pais também não... Eles achavam que eu ia ser muito judiado se fosse **bicho** (risos)

Eu concordo com tudo isso: batalha, ter **bicho** e o semi-bicho, depois cê fica mais tranquilo e os mais novos trabalham mais.

Queria ferrar todo dia; fazer igual quando eu era **bicho**; mas não consigo, deixo pra última hora.

Batalhar vaga hoje é muito mais fácil; esses **bichos** aí não fazem metade do que eu fiz e ainda não são escolhidos; é um povo ruim de serviço demais...

Catamos um **bicho** semana passada... o cara não queria saber de fazer social com ex-aluno..

Já pensei em catar a república sim, às vezes eu acho muita barra, mas quando penso que já não sou mais **bicho** eu deixo pra lá...

Fui escolhida lá, mas era tratada como **bicho** eterno... não dá, né?

Durante a batalha tem o vento. A gente desarruma as coisas do **bicho** se ele fizer alguma bobagem...

**Bicho** teórico não dá. É cheio das vontades; quer ir pra casa todo final de semana...

Quando é **bicho**, costuma camofar mais... é novidade, né?

Todo mundo aproveitas as finas; os **bichos** chegam e ficam loucos com elas...

A gente dá o vento ou pega as roupas do **bicho** e espalha nas repúblicas femininas; aí ele tem que buscar e conhece as meninas, a mulherada...

Tem rock, às vezes de segunda a segunda. Quando eu era **bicho** não soube administrar isso...

Eu ainda era **bicho** e já me sentia adaptada; eu já tinha morado fora, né?

O primeiro período foi o mais difícil, não queria ficar aqui, sentia falta de casa, ainda tinha esse negócio de ser **bicho**...

**Bicho** que gosta de ferrar, pelo menos tenta, tô brincando... (risos)

Os **bichos** saíram, mas têm muitos aqui nesse período...

Eu acho que ser **bicho** é muito importante, sim... você aprende muito...

Se eu não tivesse sido **bicho**, não saberia um monte de coisas hoje...

Essa **bicharada** de hoje não dá valor, sai da república manchando o nome da casa...

Quando eu era **bicho**, aprendi uma coisa legal, que foi respeitar muito os mais velhos. Quando chega ex-aluna aqui e pai dele, sei lá, a gente falta carregar no colo. Quando eu era **bicho**, fiquei encantada com isso.

O **bicho** é a alegria da casa, é sério...

Período passado passou um **bicho** aqui muito legal, mas teve que ir embora, passou em outro lugar mais perto da casa dela, a gente sentiu falta dela, era um **bicho** bom, viu?

A gente fica brincando aqui, falando que **bicho** burro é pleonasma, mas é brincadeira, só pra encher a saco deles mesmo.

Acho que eu voltaria a ser **bicho** sim, é uma fase boa...

O **bicho** é da republica, cê sabe, né?

Olha tem muita coisa que eu não concordo, não. Ouvi um **bicho** falando umas coisas aí outro dia e não achei legal o que uma república fez...

Eu fui um **bicho** bom, porque sempre soube me virar.

O lance de ser **bicho** é aprender a entender todo mundo e fazer amizade...

## **BORRACHA**

... a Engenharia tem matéria muito mais rombuda... (risos) por causa dos professores que são rombudos demais... mas tem aquelas que são **borracha** demais, né? Cê faz o básico ali e passa...

... nossa, uma vez eu perdi uma cadeira muito **borracha** por falta... quase morri de arrependimento depois... (risos)

As disciplinas **borracha** tem gente que nem vai à aula, as rombudas não, tem que ir...  
É diferente você estudar pra uma disciplina **borracha**, não tem muito esforço, não. Mas aí todas as cadeiras mais rombudas que eu fiz, eu estudei, mas tirei nota ruim.

## CAMOFO

Os estudantes são **camofos**, sim...

...é... me chamou de **camofa**... disse que eu não prestava.

...o povo daqui é muito **camofa**, não dá pra namorar sério... já namorei mas terminei depois que eu descobri que ele vivia na **camofagem** aqui no morro..

Mas as **camofas** do centro não deixam (risos)...

Metade das coisas que falam daqui é folclore; mas rola **camofagem** mesmo (risos)... eu mesmo sou um **camofeiro** (risos)

Nunca namorei aqui; vivo só **camofando** (risos)...

Namoro na minha cidade; tem uns colegas meus que também namoram, mas vivem na **camofagem** aqui...

Quando é bicho, costuma **camofar** mais... é novidade, né?

Aquele menino era muito **camofeiro**, cara-de-pau mesmo, me traiu na minha cara...

Não sou **camofa**, não (risos)... só um pouquinho...(risos)

Nos rocks têm as **camofas**... prefiro ficar solteiro...

Não gosto dessa de sair ficando com todo mundo... credo... essa **camofagem** que rola aqui não me agrada, não.

Continua **camofeiro**, do mesmo jeito, não mudou nada (risos)

## CATAR

... muito bicho, depois de ser **catado**, desiste de batalhar... não anima mais, aí aluga um quarto... sei lá

...depois de ser escolhido, ele **catou** a república, sei lá... deu a louca nele...

A mais garrada daqui é a C\*, (risos), quando ela vê que não dá conta, **cata** por falta (risos)

Ele foi **catado** em duas repúblicas, coitado, aí montou a dele, mas passou dificuldade de grana, viu?

Eu **catei** poucas cadeiras, umas três só, não tenho coragem de fazer isso mais, não.

Já pensei em **catar** a república sim, às vezes eu acho muita barra, mas quando penso que já não sou mais bicho eu deixo pra lá...

**Catamos** um bicho semana passada... o cara não queria saber de fazer social com ex-aluno...

## COMADRE

A presidência é minha; eu faço as compras, pago as contas, pago a **comadre**; tudo é comigo  
 Quando sou presidente a primeira coisa que eu faço é pagar a **comadre**. Mês passado, economizei, deu até pra comprar um cd pra casa... sempre sobra grana a gente compra um...  
 Nunca tive empregada em casa; a D. R. é nossa **comadre** aqui; ela é muito sofrida, tadinha, é nossa mãe de Ouro Preto...  
 Quem arrumou o INSS da D. T., a **comadre** daqui, foi ex-aluno...

## DOUTOR

...os **doutores** são quem passam as tarefas pros bichos, o que que tem que fazer, como faz...  
 Às vezes os **doutores** não ajudaram ele, não passaram os “negócio” direito...  
 Quando o bicho é escolhido, ele vira um semi-bicho, ainda não é bem um **doutor**, né?  
 Até que outra pessoa seja escolhida ele é semi-bicho, depois vira **doutor**.  
 A menina se desentendeu com uma das **doutoras** e teve que ir embora.

## ESCOLHA

... no dia que fui **escolhido**, primeiro me falaram que eu não ia ficar, depois, à noite, teve uma festa e eu “ralando” até... eu era o único bicho... mas aí me falaram que eu tinha sido **escolhido**... “nó”... foi um alívio...  
 ...depois de ser **escolhido**, ele catou a república, sei lá... deu a louca nele...  
 ... Morei em duas repúblicas antes de vir pra cá, só aqui fui **escolhida**... quase fui embora daqui, fiquei numa depressão só...  
 ... a minha **escolha** foi legal, minha irmã tava aqui, ela chorou até (risos). Nunca vou esquecer disso, liguei pros meus pais, tava “chapada...  
 Isso aconteceu no dia da minha **escolha**...  
 Até que outra pessoa seja **escolhida**, ele é semi-bicho, depois vira doutor.  
 Eu não concordo com essa batalha que tem em algumas repúblicas... o bicho às vezes batalha um bom tempo, não é **escolhido** e ninguém diz por que.  
 Entre o tempo de batalha e **escolha** ‘foi’ uns seis meses mesmo, pouco mais de um período.  
 Eu ainda sou o semi-bicho, passaram uns bichos por aqui e não foram **escolhidos**.  
 Batalhar vaga hoje é muito mais fácil; esses bichos aí não fazem metade do que eu fiz e ainda não são **escolhidos**; é um povo ruim de serviço demais...  
**Escolhi** uns dois caras e arrependi. Os ex-alunos queriam interferir mas não deixei, não...

Festa de **escolha** é muito legal; aqui em casa a gente deixa a caloura pensar que tá indo embora pra depois fazer a surpresa na festa...

Não, os ex-alunos não têm poder de **escolha** não, só o pessoal da casa mesmo...

Fui **escolhida** lá, mas era tratada como bicho eterno... não dá, né?

Ó, tem que ter **escolha** sim. E se a pessoa não for legal, não gostar da casa? Tem que passar pela batalha primeiro, depois a **escolha**...

## **FERRAR**

...tem gente que **ferra** muito, eu não **ferro** muito, cê sabe... esse negócio de **ferração** não é muito comigo não...

...é... a galera arruma uma **ferração** só quando o bicho pega, né... deixa tudo pra última hora...

... os bichos são os mais “**ferrador**”... chegam empolgados, fazem um tanto de coisa ao mesmo tempo... têm pique...

... quando tem que pagar greve a gente fica **ferrando** na semana de carnaval, tem prova na sexta-feira, mas a gente até que tá acostumando com essa situação (risos)

Tive que **ferrar** constitucional e tava doente.

Ta **ferrando** pra concurso na cidade dele...

Queria **ferrar** todo dia; fazer igual quando eu era bicho; mas não consigo, eu acabo deixando pra última hora.

Eu gosto daqui; ninguém é teórico, todo mundo vai pros rocks, mas **ferra** também...

Direto eu **ferro** só as finas mesmo, costuma ter tudo...

Estudava muito na minha cidade, no segundo grau, aqui eu **ferro** mais ou menos...

Nunca tive problema com isso; **ferro** quase todo dia e curto as festas também.

Tinha uma rotina diária de **ferração**; hoje **ferro** menos, não tenho tanta disciplina, não.

Tem um quarto de estudo com uma prateleira cheia de fina; a gente **ferra** lá pra não ficar espalhando as finas pela casa e perder.

T. é o mais **ferrador** daqui, com certeza...

Namoro me atrapalha a **ferrar**, sempre deixo pra depois, to dando um tempo agora...

Nunca achei que fosse entrar pra um Federal; nunca estudei muito, não, mas hoje até que eu **ferro** bastante, tem umas provas que não tem jeito...

Aqui não tem finário, não; o pessoal de Engenharia que tem mais... **ferra** direto por elas...

Gosto de estudar, sim. Já **ferro** pra uns concursos que aparecem por aí, fora a faculdade.

Fico **ferrando** mais na época de prova, mas gosto de estudar, sim.

**Ferre**i muito no período passado, nesse tô mais tranqüila.

Bicho que gosta de **ferrar**, pelo menos tenta, tô brincando... (risos)

Eu tenho um horário de estudo de segunda a quinta: chego em casa umas cinco horas e **ferro** de seis a oito...

Nunca gostei de estudar, hoje eu também não **ferro** muito.

Então, tá bom, vou ter que **ferrar** agora também...

## **FINA**

... aqui em casa tem um **finário**, tem muitos anos já, todo mundo aqui faz Engenharia, então todo mundo aproveita...

... a gente tá montando o nosso, a gente descobriu muitas **finas** espalhadas, aí “tamo” juntando tudo pra colocar o quartinho do computador...

... tem prova que só com **finas** mesmo pra fazer (risos)...

... é, tem as **finas** que salvam a gente... mas cê tem que saber alguma coisa também..

Todo mundo aproveita as **finas**; os bichos chegam e ficam loucos com elas...

Direto eu ferro só as **finas** mesmo, costuma ter tudo...

Tem um quarto de estudo com uma prateleira cheia de **finas**; a gente ferra lá pra não ficar espalhando as **finas** pela casa e perder.

Depois de umas férias, quase perdemos nosso **finário**...

Sabe que eu nunca usei as **finas** que os meus colegas me passaram?

Aqui não tem **finário**, não; o pessoal de Engenharia que tem mais... ferra direto por elas...

Nunca estudei por **finas**; pego livro na biblioteca e estudo.

Uso as **finas** que os ex-alunos deixaram aqui. Também faço minhas **finas**...

Ah, uma vez eu usei uma **finas** muito antiga que tinha aqui e me dei bem (risos)

## **PENSÃO**

... tem muita **pensão** por aí... o pessoal não é amigo direito, a casa é largada...

... a república que eu morava era uma **pensão**...

Os **pensionistas** de lá não entenderam que o menino tava precisando de ajuda.

Todo dia abre uma **pensão** por aí, os bichos têm que batalhar, mas pagam aluguel, então eles não tinham que fazer isso.

Tá tendo um movimento de **pensionista** aí, lá na sala tá cheio...

## **PRESIDENTE**

O **presidente** não pode vacilar porque senão prejudica todo mundo... depois que eu vim pra cá é que eu aprendi a mexer com “grana...”

Aqui em casa a **presidente** faz as compras do mês, divide a luz, o telefone, tudo é responsabilidade dela no mês...

Nesse mês eu sou o **presidente**, já fiz tudo, aí tem que fechar e anotar no caderno.

Em casa, nunca tive essa responsabilidade, só quando fui **presidente** aqui na república...

Quando sou **presidente** a primeira coisa que eu faço é pagar a comadre mês passado, economizei, deu até pra comprar um cd pra casa... sempre sobra grana a gente compra um...

A **presidência** é minha; eu faço as compras, pago as contas, pago a comadre; tudo é comigo.

## **ROCK**

... teórico é quando uma pessoa vive na teoria, ué...(risos) não sai, é cheio de frescura com as coisas, muito “neurado” com estudar, não curte os **rocks**...

Eu gosto daqui; ninguém é teórico, todo mundo vai pros **rocks**, mas ferra também...

Nos **rocks** têm as camofas... prefiro ficar solteiro...

Tem **rock**, às vezes de segunda a segunda. Quando eu era bicho não soube administrar isso...

Vou muito pouco nos **rocks**, não consigo acordar e subir pro campus se eu for...

## **ROMBUDO**

... a Engenharia tem matéria muito mais **rombuda**... (risos) por causa dos professores que são **rombudos** demais... mas tem aquelas que são borracha demais, né? Cê faz o básico ali e passa...

As disciplinas borracha tem gente que nem vai à aula, as **rombudas** não, tem que ir...

É diferente você estudar pra uma disciplina borracha, não tem muito esforço, não. Mas aí todas as cadeiras mais **rombudas** que eu fiz, eu estudei, mas tirei nota ruim.

Aqui na república tem cara **rombudo** demais, os caras não precisam virar noite igual eu pra fazer prova...

## **SEMI-BICHO**

... eu acho mais difícil ser **semi-bicho**, sua responsabilidade dobra...

... quando eu era **semi-bicho** fui muito mais cobrada do que quando eu era bicho...

Quando o bicho é escolhido, ele vira um **semi-bicho**, ainda não é bem um doutor, né?

Até que outra pessoa seja escolhida, ele é **semi-bicho**, depois vira doutor.

... pode acontecer sim, um **semi-bicho** aqui de casa já foi embora por causa disso.

Eu ainda sou o **semi-bicho**, passaram uns bichos por aqui e não foram escolhidos.

Esse que passou aqui é o **semi-bicho**, lá de Teófilo Otoni.

É isso mesmo, o **semi-bicho** tem uma responsabilidade maior, porque tá mais próximo do bicho.

Eu concordo com tudo isso: batalha, ter bicho e o **semi-bicho**, depois cê fica mais tranquilo e os mais novos trabalham mais.

## TEORIA

... **teórico** é quando uma pessoa vive na **teoria**, ué...(risos) não sai, é cheio de frescura com as coisas, muito “neurado” com estudar, não curte os rocks...

... no início eu era muito **teórica**, sentia saudade de casa, ficava enfurnada só estudando, depois que eu conheci a galera, fiquei mais animada...

Já fiquei muito isolada da galera, **teórica** mesmo, fica muito na minha, não gostava muito do esquema daqui não, as meninas viviam me falando: “caloura, deixa de **teoria**, vai aproveitar a vida.”

Bicho **teórico** não dá. É cheio das vontades; quer ir pra casa todo final de semana...

Eu gosto daqui; ninguém é **teórico**, todo mundo vai pros rocks, mas ferra também...

## VENTO

Durante a batalha tem o **vento**. A gente desarruma as coisas do bicho se ele fizer alguma bobagem...

Tem o **vento** de boas vindas para as calouras...

A gente dá o **vento** ou pega as roupas do bicho e espalha nas repúblicas femininas; aí ele tem que buscar e conhece as meninas, a mulherada...